

Brasília, terça-feira, 21 de abril de 2026

Correio Braziliense

Especial



Pioneiros do futuro

Uma saga brasiliense



Aponte a
câmera do
celular e
confira o
vídeo em
homenagem
a Brasília

Assim como os primeiros moradores da Capital da Esperança, novas gerações mantêm o sonho e a utopia em busca de uma cidade mais humana e de todos. Conheça histórias desses brasilienses e seus projetos, desde o mais inovador e tecnológico ao simples ato de acolher pessoas e de lutar por uma cultura viva e diversa

Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense



APRESENTAÇÃO

Pioneiros de um grande futuro

Criada para receber o futuro, Brasília segue sempre olhando para frente, sem, é claro, esquecer dos sonhos dos que desbravaram o Planalto Central até a inauguração da Capital da Esperança, em 21 de abril de 1960. Brasília foi tecida com os fios da perseverança, de geração a geração. A capital ganhou corpo, se agigantou, mas não perdeu a essência. Inovação e tradição andam juntas pelas quadras e superquadras. É uma cidade construída por pessoas,

cujo pertencimento a esse quadrado se reflete nas entrevistas deste caderno especial. O presidente do **Correio**, Guilherme Machado, gosta de destacar que Brasília "é símbolo de um Brasil moderno, que cresce sem perder a essência". Ana Dubeux, chefe de Redação, ressalta a matriz humanista da cidade, que acolhe quem chega. "É sempre gratidão", destaca. O cronista Severino Francisco enfatiza a vocação da cidade. "Para mim, Brasília é a utopia do que o Brasil poderia ser, apesar

de ter se tornado uma cidade distópica. Mas esse estado é circunstancial, é um estado de exceção. A verdadeira vocação de Brasília é a utopia", diz. Recém-formado, o jovem repórter Luiz Felipe Alves está descobrindo a capital do país, "é um lugar que reúne culturas do Brasil e do mundo inteiro". Brasília é essa mistura de bons sentimentos, afinal, somos todos pioneiros de um grande futuro.

José Carlos Vieira, editor

O **Correio Braziliense** divide a certidão de nascimento com Brasília e permanece como o principal guardião dos arquivos e das transformações da cidade, com um olhar para o futuro

As primeiras páginas da capital

» LETÍCIA MOUHAMAD

Ed Alves/CB



Redação do Correio Braziliense: integração entre o digital e o impresso

Correio Braziliense e Brasília dividem a mesma certidão de nascimento. Em 21 de abril de 1960, enquanto o país voltava os olhos para a nova capital, o jornal fundado por Assis Chateaubriand rodava sua edição número um, consolidando-se como o primeiro registro histórico da cidade que surgia no Planalto Central. Naquela ocasião, o som das rotativas se misturava ao barulho das festividades da inauguração, marcando o início de uma simbiose entre o impresso e o concreto que perdura até hoje, incluindo a tecnologia digital.

O nome escolhido foi um resgate estratégico: uma homenagem ao periódico de Hipólito José da Costa, editado em Londres em 1808. Ao retomar esse título, Chateaubriand conectava o projeto modernista de Juscelino Kubitschek às raízes da própria imprensa brasileira, conferindo à nova capital uma linhagem intelectual e histórica imediata. O jornal não apenas acompanhou a construção, como deu voz e rosto aos candangos e pioneiros que, até então, eram personagens de um canteiro de obras, documentando o esforço humano por trás das curvas de Oscar Niemeyer e do traçado de Lucio Costa.

Nas décadas seguintes, as páginas do **Correio** transformaram-se no principal arquivo da identidade brasiliense. Em meio à poeira e ao concreto, o jornal ajudou a sedimentar o cotidiano das superquadras e a vida política nacional que passava a pulsar no Eixo Monumental. Por meio de uma cobertura que equilibra as decisões do poder e as demandas urbanas, o veículo firmou-se como o diário que acompanhou a evolução da cidade.

Ao longo de sua trajetória, o jornal funciona como um espelho das transformações sociais do DF, documentando o nascimento das regiões administrativas, a chegada das primeiras universidades e a consolidação de uma cultura tipicamente local, que mistura influências de todos os cantos do país. O **Correio** foi o veículo que primeiro noticiou a chegada da luz elétrica nas quadras, a inauguração de escolas e os desafios de uma população que aprendia a viver em uma cidade planejada.

Além de registrar o progresso físico, o jornal consolidou-se como o espaço de debate para as grandes questões que moldaram a autonomia política do DF. Das campanhas pelas Diretas Já à luta pela representação política própria, o **Correio** esteve presente em cada embate, servindo de elo entre os anseios da população e o poder público. Essa função de vigilância e serviço reafirma que, muito além de um veículo de notícias, o jornal permanece como um pilar institucional indispensável para a democracia e para o amadurecimento social da capital.

Mais de seis décadas depois, o **Correio** permanece como a memória impressa — e digital — de uma capital que nasceu com a missão de ser o futuro, mantendo-se como a principal fonte de registro dos sonhos realizados e dos novos desafios da cidade, renovando diariamente seu compromisso com a história que ainda está sendo escrita.

Correio Braziliense/CB/Reprodução

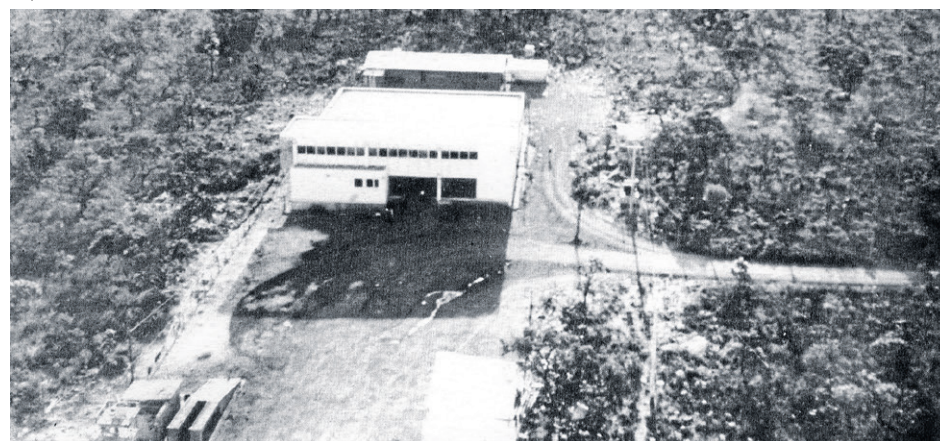


Rainha Elizabeth II e príncipe Philip visitam Brasília em 1968



Arquivo CB/CB/D.A Press

O jornalista Ari Cunha (E) e o contador dos Diários Associados, João Domingos



Vista aérea do antigo prédio do Correio Braziliense em 1960

Ana Dubeux (diretora de redação); José Carlos Vieira (produção e edição); Joana Cabral (coordenadora de fotografia); Adriana Bernardes (coordenadora de produção); Eduardo Pinho, Malcia Afonso, Márcia Machado, Mariana Niederauer, Patrick Selvatti, Tharsila Prates (subeditores); Ana Carolina Alves, Artur Maldaner*, Beatriz Mascarenhas, Carlos Silva, Darcianne Diogo, Gabriella Braz, Isabela Berrogain, Junio Silva, Letícia Mouhamad, Luiz Felipe Alves, Manuela Sá*, Maria Eduarda Lavocat, Mariana Reginato, Mila Ferreira, Nahima Maciel; Paulo Gontijo, Victor Parrini (repórteres); Carlos Vieira, Ed Alves, Marcelo Ferreira, Mariana Campos, Minervino Júnior (fotógrafos); Kleber Sales, Lucas Pacifico (ilustração); Diego Lucas (diagramação); Ailton Pedrosa, Ana Beatriz Valente; Rosiley Bertini (revisão); Marcelo Ramos (projeto gráfico); Lula Cardoso (projeto comercial); Jairo Motta (Opec); *Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira.

Nem toda ideia vira uma cidade

Brasília virou.

Há 66 anos, um projeto saiu do papel e ganhou vida com a força das pessoas, transformando Brasília em um dos maiores símbolos de construção coletiva do país.

Entre traços marcantes da arquitetura, histórias que se cruzam e decisões que ganham forma. E, desde o começo, o Correio Braziliense registra essa história que continua em movimento.

Parabéns a Brasília.
E ao Correio Braziliense, que nasceu com a cidade
e segue noticiando cada capítulo.

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Aos 60 anos, o Beirute marcou várias gerações da cidade, incluindo as dos próprios donos do estabelecimento. Os descendentes ajudam um dos fundadores a dar continuidade ao legado iniciado nos anos 1970

Seis décadas como uma referência

» LUIZ FELLIPE ALVES

Com uma história que remonta da chegada a Brasília aos dias atuais, o Beirute é uma das grandes referências gastronômicas da capital. A jornada de um dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade se mistura com o surgimento da nova capital. Nos anos 1970, os irmãos Bartô e Chico, que começaram no restaurante como garçons, compraram os estabelecimentos de seus chefes.

Atualmente, após 60 anos recém-completados de atividades, a gestão do restaurante é dividida por Chiquinho e os filhos, Francisco Emílio e Marcelo Marinho, e o sobrinho Célio Marinho. Na terceira geração de donos, o restaurante segue sendo referência em entretenimento e marca os 66 anos de Brasília como ponto de encontro para todas as idades.

Para a família, a cidade representa mais do que um ponto comercial; é a junção de força e resiliência, e a base do esforço empregado durante gerações. “Nasci, me formei e construí minha trajetória aqui. Já tive experiências em outras cidades, mas sempre enxerguei Brasília como o lugar onde quero estar e desenvolver meus projetos”, disse Francisco Emílio.

Francisco faz parte de uma terceira geração que cuida do Beirute. Ele considera a cidade como um polo econômico em constante transformação e deixa um conselho para as novas gerações. “Aproveitem esse momento, invistam em inovação e contribuam para o crescimento da

cidade em áreas como tecnologia, logística e turismo”, acrescentou.

Com a participação do irmão e primo, o estabelecimento preserva a identidade familiar mesmo após seis décadas. Célio Marinho, filho de Bartô, conta que seu pai o levava para o bar desde os seus 14 anos. “Eu vinha para cá e, muitas vezes, emendava três dias trabalhando no restaurante. No andar de baixo, existia uma beliche, e eu dormia lá para aguentar a jornada. Foi assim que fui pegando gosto pelo ramo”, contou.

A história de seu primo, Marcelo, é parecida. “Eu vinha com meus 15 e 16 anos para o restaurante para auxiliar a família. Com o tempo, o negócio também foi me conquistando. Aqui, eu construí toda a minha vida”, comentou.

Virada de chave

Os esforços empregados inicialmente por Chiquinho e Bartô renderam frutos à família. Além de proporcionar a criação dos filhos, o restaurante também é o sustento da nova geração, netos dos donos originais. Um dos principais marcos, segundo Francisco Emílio, foi a inauguração da segunda unidade, na Asa Norte, em 2007. “Foi um processo desafiador, com muitos obstáculos, mas a casa também conquistou seu espaço e virou uma referência da cidade”, lembrou.

Marcelo relembra que entrou de vez nos negócios após a morte de seu tio, Bartô, em 2001. “Isso foi um divisor de águas para mim. Antes, eu

Carlos Vieira/CB/DA Press



O veterano Chiquinho (de branco), com Célio, Marcelo e Francisco Emílio

vinha trabalhar apenas de quinta a domingo para render o Célio”, contou. Desse momento em diante, os filhos, que eram funcionários, viraram sócios.

Assim como Brasília, o Beirute também passou por evoluções ao longo dos anos, mas sempre mantendo a tradição e o bom atendimento. Célio cita as mudanças de comando e do ambiente que presenciaram. “A clássica comandada de papel deu lugar aos computadores e depois para o celular. Temos que acompanhar essas mudanças para manter o bar em atividade”, disse Célio.

Ele ainda comentou que a evolução também é vista quando novas gerações de um cliente antigo frequentam o local. “Vemos avós chegando com os filhos e com os netos. Outro dia mesmo, eu conversei com um cliente de 19 anos que a mãe frequentava o local enquanto estava grávida dela. É uma satisfação enorme”, contou.

Apesar do sucesso do bar que atravessa gerações, os primos admitem que há uma pressão em continuar o legado iniciado pelos pais. “A pressão continua tanto pelo legado, mas também por ser o nosso ganha pão. Tenho duas filhas para criar, o Marcelo também os filhos”, disse Célio.

Orgulhoso do trabalho feito pela família, Marcelo Marinho, um dos sócios, comenta sobre a satisfação de marcar o cenário boêmio de Brasília. “Isso é muito gratificante. É um sentimento de amor e de responsabilidade ao mesmo tempo em ser considerada uma referência para a cidade”, definiu.

Para saber mais

Para comemorar o aniversário de Brasília e o do restaurante, o **Correio Braziliense** (CEDOC) realiza a exposição *Beirute 60 anos*, que conta com arquivos históricos do Acervo **Correio Braziliense** (CEDOC), relata os 60 anos do clássico restaurante por meio de fotos registradas ao longo dos anos. As fotos estarão disponíveis até 30 de abril.

Aos 60 anos, o Beirute permanece aqui, frequentado com devoção por gerações seguidas. Na mesma quadra, com o mesmo mobiliário, o mesmo cardápio, servido nos mesmos pratos, e as mesmas bandejas, repletas de cerveja gelada, por garçons com a mesma dedicação aos clientes. O Beirute, reconhecido, querido e indecifrável, é uma tradição de Brasília.

Ficha Técnica:

- » **Curadoria:** Cilene Vieira e Juliana Nova
- » **Acervo:** Centro de Documentação e Memória – Cedoc do **Correio Braziliense**
- » **Pesquisador:** Mauro Roberto Silva
- » **Produção e arte:** Juliana Nova
- » **Realização:** **Correio Braziliense** e Beirute
- » **Patrocínio:** Gráfica Movimento

Pilar da agricultura brasiliense

» ARTUR MALDANER*

A Hanashiro Máquinas Agrícolas, também conhecida como Casa Hanashiro, foi parte fundamental da agricultura nos primeiros anos do Distrito Federal e, ainda hoje, segue em fomento à produção familiar com foco na inovação tecnológica. Fundada em 1957 por Seitei Hanashiro, a empresa começou em um pequeno lote na antiga Cidade Livre — que veio a compor o Núcleo Bandeirante —, onde eram acolhidos trabalhadores da construção da nova capital federal.

Com a esposa, Amélia, e os três filhos do casal, Seitei saiu de São Paulo, em 1956. Os Hanashiros foram uma das sete primeiras famílias da colônia japonesa em Brasília e um pilar da integração de imigrantes nipônicos na região. Uma população, por sua vez, responsável por dar o pontapé na agricultura familiar de frutas e legumes no DF, produtos que, até hoje, são o nosso “carro-chefe”.

“Apesar de não termos atuado como produtores rurais, a nossa família veio à capital para fomentar a agricultura com fornecimento direto de materiais”, explica Cristiane Hanashiro,

48 anos, neta de Seitei e atual gestora da Casa Hanashiro. Após a morte do fundador, a empresa ficou aos cuidados do filho dele, Olímpio, que faleceu em 2020.

Agora na terceira geração de gestores, a viúva de Olímpio Hanashiro — Marina — e os três filhos — Cristiane, Tiago e Fábio — estão à frente da operação da empresa, atuando de acordo com valores familiares e culturais que refletem a ascendência japonesa de seus criadores pioneiros. Hoje, o empreendimento opera de forma especializada na venda e assistência técnica de máquinas de cultivo, de construção civil e de jardinagem.

Patrimônio candango

A primeira loja da Casa Hanashiro, na Cidade Livre, funcionava em conjunto de um pequeno armazém de secos e molhados — um nome dado às tradicionais mercearias que ofereciam tanto produtos secos como grãos e alimentos, quanto os molhados como bebidas. À época, o casal Hanashiro dividia as atividades comerciais e, enquanto Seitei ficava à frente da venda dos produtos agrícolas, Marina comandava a loja de

estoque diverso. “Às vezes, meu avô vendia os motores por fiado, com vergonha de cobrar os clientes, e a minha vó cobrava as dívidas no armazém. Foi por conta dela que a empresa funcionou, lá no início”, relembra Cristiane.

A empresa de Seitei era dedicada a vender motores da indústria japonesa Yanmar, que havia acabado de chegar ao Brasil. Inicialmente, não eram os tratores e escavadeiras as principais demandas, e sim motores estacionários a diesel, essenciais para o abastecimento de luz e água aos candangos. Além disso, o armazém servia como um ponto de acolhimento para os membros das colônias japonesas que, em condições duras de trabalho na lavoura, encontravam abrigo nos fundos da loja, onde ocasionalmente dormiam em sacos de feijão.

Foi durante a construção do Plano Piloto, com os primeiros estabelecimentos das vias W3 norte e sul, que a Casa Hanashiro abriu sua segunda unidade nos anos 1960. Na altura da 506/507 norte, foi construída a loja, que novamente dividia espaço com um boteco, também encabeçado por Marina Hanashiro. É nesse local, em uma versão inicial do centro

do Plano Piloto, que Cristiane nasceu e construiu as suas primeiras memórias. “Eu lembro de brincar nos cantos das obras intermináveis da W3. Um local que, hoje, é o centro da operação da Asa Norte”, relata.

Terceira base de operação da Casa Hanashiro, no Setor de Indústrias Automotivas (SIA), é onde a empresa funciona até hoje. A mudança ocorreu em 1984, quando Olímpio era o gestor. O empresário de segunda geração chegou à capital quando tinha 11 anos e, desde cedo, trabalhou com o pai nas lojas, até que o substituiu. De acordo com Cristiane, a herança cultural japonesa é parte fundamental da empresa desde a sua criação, e valores de respeito e consideração ao cliente, além da valorização de compromissos comerciais, sempre foram prioridade para os seus familiares. “Acredito que ofertar um bom serviço é essencial para honrar o legado da nossa família”, destaca.

Cidade promissora

Atualmente, a Casa Hanashiro possui uma equipe de 25 funcionários — além de Cristiane, Tiago, Fábio e mãe, Marina. Agora, o objetivo

Arquivo pessoal



Terceira geração à frente da Casa Hanashiro

é ajudar na modernização da agricultura do DF, de empreendimento familiar à colheita familiar. De acordo com a Hanashiro, a agricultura da região deve investir em novas tecnologias, que otimizem as pequenas produções que crescem no espaço limitado do DF.

Ela destaca, ainda, que Brasília continua honrando a herança dos primeiros agricultores japoneses, com foco na produção de frutas. “Hoje, vemos várias frutas que não são do cerrado se destacando na agricultura

familiar, com produção de blueberries, maracujá, morango e até uva. Produções que se tornam possíveis com investimento tecnológico e de produtividade”, ressalta Cristiane.

Nascida na Asa Norte, a empresária defende que Brasília nunca deixou de ser a capital do progresso, como pode ser visto pela produção variada de produtos de alta qualidade, mesmo com uma terra escassa e árida.

***Estagiário sob supervisão de Patrick Selvatti**

Meu encontro com Brasília

» JOÃO ANTÔNIO

Cidade para renascer

Sou um desastre para datas. Elas passam por mim como figurantes apressados, sem deixar marca. Mas há momentos que se recusam a sair de cena. Junho de 1971, por exemplo. Esse ficou. Cheguei a Brasília meio por acaso, vindo de São Paulo, com a leveza de quem não devia satisfação a ninguém — e com a imprudência de quem também não tinha plano algum.

Vinham visitar amigos de Uberaba que tinham se aventurado por aqui. Eu mesmo vinha de uma pequena explosão

pessoal: tinha acabado de mandar o poderoso diretor de um grande museu para um destino pouco nobre. Resultado imediato? Desempregado. Resultado secreto? Livre. E liberdade, quando chega assim de repente, costuma dar ideias.

Brasília, naquele tempo, era quase um esboço. Um cenário montado à espera de atores. E eu, ator, me vi diante de um palco grande demais, iluminado demais, silencioso demais. Parecia um monólogo sem público. Mas havia alguma coisa ali — um vazio convidativo, desses que não intimidam, chamam.

Pensei: fico um pouco. Só um tempo. Depois eu vejo.

Esse “depois” nunca teve vez.

O começo foi áspero, como quase tudo que vale a pena. Mas havia espaço — físico

Carlos Vieira/CB DA Press



e simbólico. Espaço para errar, tentar, inventar. Espaço para caber. Entreguei meu currículo ao Walter Melo, na Fundação Cultural, e ali, sem perceber, comecei uma história longa. Um vínculo. Um tipo de

do — mistura de tantos outros, costurado na pressa e na necessidade de pertencimento. Uma arte nascendo com a cara de quem ainda não sabia bem quem era, mas tinha urgência em descobrir.

amor que não faz alarde, mas não acaba.

Com o tempo, fui vendo Brasília deixar de ser promessa para virar realidade. Os espaços se enchendo, as ideias ganhando corpo, as pessoas se encontrando. Um sotaque novo surgindo — mistura de tantos outros, costurado na pressa e na necessidade de pertencimento. Uma arte nascendo com a cara de quem ainda não sabia bem quem era, mas tinha urgência em descobrir.

Passei por lugares que, mais do que instituições, foram territórios de vida: Fundação Cultural, Ensaio Teatro e Dança, Faculdade Dulcina, UnB. Em cada um, deixei um pouco de mim — e levei muito mais do que trouxe.

Brasília foi me ensinando a ficar. E, aos poucos, fui desaprendendo a ideia de partida. Hoje, quando me perguntam de onde sou, não hesito. Respondo rápido, quase com orgulho de quem escolheu: sou de Brasília. E, aos 79 anos, nem sempre explico.

Porque há cidades onde a gente nasce. E há cidades onde a gente, finalmente, renasce.

João Antônio é ator, diretor e professor de teatro

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Sócio da Del Maipo, uma das maiores importadoras do país, o empresário Cyro Torres Júnior uniu suas duas paixões — Brasília e os vinhos — e consolidou um negócio com o DNA da cidade

Um sonho que deu resultado

» NAHIMA MACIEL

Cada vez que Cyro Torres Júnior fecha um ciclo de um ano, ele degustou cerca de 3 mil rótulos de vinho e passou por, no mínimo, seis feiras internacionais dedicadas ao produto. Não chega a ser um sacrifício, claro. A bebida é uma das grandes paixões do empresário de 52 anos, que começou com uma pequena delicatessen chamada Brilho, na Feira dos Importados, em 1997, para se tornar sócio de uma das 15 maiores importadoras de vinho do país.

O negócio cresceu e ganhou uma loja no Gilberto Salomão, no Lago Sul, para, em 2003, transformar-se na Del Maipo, distribuidora com sede no Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA). “Vinho foi uma questão de paixão”, conta. “Na época, não tinha internet, a gente comprava livros e lia sobre isso. Começamos com uma marca do Chile que nem existe mais, a Tamaya, nos primeiros seis meses. Logo depois, trouxemos uma marca de Portugal, depois da Argentina, Espanha e, em um ano e meio, tínhamos várias



Brasília é minha vida, não saio para morar em lugar nenhum, é a cidade onde nasci, que amo e pela qual sou apaixonado”

Cyro Torres Júnior,
dono da Del Maipo

marcas.” Hoje, a Del Maipo vende para todo o país e tem clientes em 21 estados.

Brasília sempre foi uma inspiração para Cyro em vários sentidos. Nascido e criado na capital, filho de um pioneiro que veio para o Planalto Central em 1957 ajudar a construir a cidade, ouvia desde pequeno as histórias do pai. Formado em economia e

gastronomia, ele percebeu o potencial da cidade para o consumo de vinhos ainda na década de 1990. “Brasília é, senão o primeiro, o segundo estado que mais consome”, garante. “É a cidade de maior consumo de vinhos de qualidade do Brasil. A gente vende mais de 2 milhões de garrafas por ano, dos mais simples aos mais elaborados. Temos vinhos para todos os bolsos.”

Da revenda à produção

Na loja no SCIA, ficam armazenadas mais de 800 mil garrafas. Vendidas no atacado, elas abastecem restaurantes, lojas especializadas e supermercados da cidade. “Só tem dois ou três restaurantes, hoje na cidade, que não abastece- mos”, brinca o empresário. É um negócio, mas também um trabalho de devoção à cidade. “Brasília é minha vida, não saio para morar em lugar nenhum, é a cidade onde nasci, que amo e pela qual sou apaixonado”, declara. Para ele, o ponto de virada da carreira empreendedora na área de bebidas e vinhos se deu há cerca de uma década, quando a Del Maipo virou referência.

VieAir/Divulgação



A Del Maipo tem um estoque de mais de 800 mil garrafas

Agora, o próximo desafio está em lidar com a produção do produto que escolheu para vender. Junto com dois outros empresários brasileiros, Cyro tornou-se sócio da Bodega Réquiem da Ribera del Duero, no município de Peñafiel, na região de Castela e Leão (Espanha). “A vinícola é um desafio novo, começamos há seis meses e o desafio é aumentar um pouco a produção, sem deixar de ser uma bodega de garagem (propriedade pequena, com produção limitada), ir ganhando pontos e números no exterior e ter um vinho de qualidade”, avisa.

É um desafio quase tão grande quanto o de manter uma distribuidora com mais de 800 mil garrafas de vinhos no coração do Planalto Central. Como membro da commanderie du Bontemps, em Bordeaux (França), uma confraria fundada para convidados de jantares e festas nas quais se promove os vinhos franceses e diretor da Associação Brasileira de Sommeliers do Distrito Federal, Cyro garante que é incapaz de vender vinhos dos quais não gosta.

“Escolho os vinhos importados pela empresa. Provo todos eles. A gente vai aos poucos aprendendo mais sobre olfato, paladar, sobre produção. E não importo um vinho que não consiga beber. Lógico que tem que ter vinhos de todos os preços, mas só vendo o que consigo beber”, garante o empresário, que também já teve uma empresa em Miami, a Del Wine. Quando pensa em um conselho a deixar para as próximas gerações de brasilienses, Cyro não hesita: “Dedicação. Tudo que você se dedica e faz bem feito, vai dar certo”.

66 anos de TRANSFORMAÇÃO

Brasília nunca parou e continua evoluindo a cada novo desafio.

Uma cidade mais moderna e sustentável começa pela energia limpa que impulsiona o desenvolvimento e conecta o presente ao futuro.

Hoje, Brasília avança, e a energia faz parte desse movimento.

Parabéns, Brasília!



Tradição que ilumina.
Inovação que move Brasília.

CEB
COMPANHIA ENERGÉTICA DE BRASÍLIA

Pioneiros do futuro — uma saga brasileira



Gerenciada pelo filho e pelos netos do fundador, a pioneira Barbearia do Onofre, na Asa Norte, mantém o negócio em família, respeitando a tradição que a consolidou sem abrir mão das inovações que a sustenta nos dias atuais

Clássico com visual moderno

» LUIZ FELLIPE ALVES

Criada em 1971, uma das primeiras barbearias de Brasília, mantém-se com tradição e contando a história da cidade. Localizada na 709 Norte, a Barbearia Onofre é um marco clássico da capital. O estabelecimento tem em sua cartela de clientes ministros, jornalistas ilustres e até mesmo o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin. Uma das primeiras barbearias da Asa Norte, é a prova viva de que é possível honrar as raízes do passado e, ao mesmo tempo, adaptar-se às exigências do mercado atual.

A história da barbearia se cruza com a de Brasília: de lutas e resistências daqueles que vieram em busca de um sonho. Entre muitos que vieram para a capital com esse objeto, Onofre Bezerra da Silva e sua esposa, Domelice de Oliveira Bezerra, deixaram a cidade de Cajazeiras, na Paraíba, à procura de uma oportunidade de construir o futuro.

O filho, atual dono do estabelecimento, conta como foi a jornada do pai. “Ele se casou com minha mãe e, no dia seguinte, vieram para Brasília no pau de arara. Com eles, vieram minhas tias e tios para tentar uma vida melhor na capital”, contou Jorge Bezerra. Seu Onofre aprendeu a cortar cabelo em sua cidade natal, enquanto servia o Exército, e inaugurou a barbearia em um barraco de madeira improvisado nas quadras 703/704 Norte.

A barbearia foi pioneira e viu a Asa Norte se transformar. Nas primeiras décadas, a região era descrita como

um “deserto”, com ruas de terra, comércio incipiente e quadras ainda vazias. Jorge relembra como foi crescer nessa época e acompanhar a evolução do estabelecimento e da cidade. “Eu vivenciei boa parte dessa evolução enquanto fui crescendo. Não existiam os prédios, as árvores ainda eram mudas. Era uma cidade ainda muito no início, com ruas ainda sem asfalto”, comentou.

Ter visto a barbearia nascer e marcar a cidade “é motivo de orgulho”, como Jorge mesmo afirma. “É um prazer enorme ver o carinho que a população possui pelo nome e o estabelecimento do meu. É o indicativo que estamos trilhando o caminho certo”, disse.

Legado honrado

Em 2008, após o falecimento do pai, Jorge herdou o legado da barbearia e prometeu que iria oferecer a mesma qualidade de atendimento que o pai tinha com seus clientes. “Eu tinha que assumir esse legado deixado pelo meu pai. É uma honra dar continuidade ao que meu pai começou lá atrás e também de marcar Brasília com esse legado”, afirmou.

Além do CNPJ, Jorge também herdou os clientes e o bom atendimento que seu pai prestava. Atualmente, a barbearia atende quase a quinta geração de clientes, um processo que iniciou com avós e segue até os bisnetos. “Estamos quase completando a árvore genealógica dessas famílias. Eu torço muito para que a gente consiga atender ainda

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Filho do fundador que batiza o estabelecimento, Jorge Bezerra administra o negócio com seus herdeiros

mais gerações”, acrescentou.

Muito mais do que um espaço para retocar o visual, a Barbearia do Onofre é um ponto de encontro entre passado, presente e futuro. “Muitos clientes da época em que meu pai ainda cortava cabelo, chegam aqui e ficam contando histórias daquela época”, contou Jorge.

A relação dos clientes com a barbearia são laços que ficam marcados por muitos anos. O atual dono

conta que muitos clientes chegam a ficar anos fora do Brasil e, quando voltam, a Barbearia do Onofre é a primeira parada. “Muita gente chega aqui e fica muito feliz quando vê que a barbearia ainda continua aberta. É uma satisfação enorme”, disse.

Geração Z

Além dos clientes, a gestão da barbearia também está passando

de geração em geração. Iniciada por seu pai, hoje os filhos de Jorge são responsáveis por cuidar das redes sociais do estabelecimento. “Como não domino muito esse mundo da tecnologia, eles me ajudam nisso. O novo passo da caminhada teve início ainda na pré-adolescência dos filhos. Jorge brinca que, no início, foi difícil pelo imediatismo dos jovens. “Eles não possuíam essa visão holística de todo o cenário que,

apesar de precisar de mudanças, eles queriam mudar tudo ao mesmo tempo”, brincou. Com o passar dos anos, as ideias foram afunilando e as três cabeças começaram a pensar juntas. “Hoje, eles me escutam mais e eu também. Eles sugerem as mudanças e eu vou implementando aos poucos”, garantiu.

O ambiente familiar e o legado de Onofre fazem parte da gestão independentemente do tempo que passa. Inclusive, um dos planos de Jorge é transformar a barbearia em um estabelecimento centenário, como algumas barbearias de fora de Brasília. Para isso, ele aposta na mistura do clássico com o moderno. “Temos muitos jovens que frequentam a barbearia. Então, temos que oferecer opções de cortes mais clássicos e cortes para juventude, como o degradê, que virou uma moda”, revelou.

Para Jorge, estar à frente de um lugar marcante para a capital é reflexo do esforço com unhas e dentes feitos por seu pai. “É muito gratificante ser classificado dessa forma, como um marco da cidade onde nasci e cresci. Infelizmente não nascemos junto com Brasília, mas é muito bom saber que meu pai está vivo nas memórias”, finalizou.



Aponte a câmera do celular para conferir o vídeo

Beleza que reflete transformação

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Há 16 anos, o salão de beleza Red Hair, no Lago Sul, consolidou-se como referência entre brasilienses quando o assunto é cabelo, maquiagem, unhas e outros procedimentos. Comandado pela empresária Karine Cavalcanti, o espaço carrega uma identidade profundamente ligada à capital, assim como a fundadora do empreendimento.

Nascida e criada em Brasília há 57 anos, Karine destaca suas origens. Filha de pais baianos que migraram para a capital nas primeiras décadas, ela cresceu em meio a um cenário de intensa efervescência cultural. “Foi uma infância e uma juventude muito saudáveis, com muita cultura e música. Peguei a fase da Legião Urbana, um período muito gostoso”, relembra.

No entanto, sua trajetória profissional não começou no mundo da beleza. No princípio, Karine seguiu os passos do pai, advogado, e optou por

cursar direito no Centro Universitário de Brasília (Ceub), mas não chegou a seguir carreira na área. Ainda durante a graduação, iniciou sua vida profissional na gravadora Warner Bros., onde atuava na divulgação dos artistas nas rádios e na imprensa local até que, após alguns anos na empresa, Karine passou a atuar na Terracap.

A virada para o empreendedorismo veio apenas em 2009, quando surgiu a oportunidade de abrir um salão de beleza, inicialmente pensado para a filha. À época, a jovem buscava definir sua carreira quando uma proposta inesperada apareceu para a mãe. “Uma equipe de um salão que estava fechando me procurou e perguntou se eu não queria montar um novo espaço”, relata Karine.

Segundo ela, como ambas sempre foram apaixonadas pelo universo de moda e beleza, a ideia pareceu promissora. “Ela se empolgou muito”, conta. Assim, o primeiro Red Hair foi inaugurado no QI 9 do Lago Sul.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Karine Cavalcanti, proprietária do Red Hair, no Lago Sul: segurança

No entanto, poucos meses depois, os planos mudaram. “Com seis meses, minha filha decidiu que não queria mais e seguiu para a gastronomia. Foi quando eu pensei: investi muito dinheiro, isso precisa dar certo”, afirma.

Conciliando com o trabalho na Terracap, Karine passou a se dedicar ao salão, e foi nesse processo que ela conta ter se apaixonado. Para ela, o diferencial do negócio está no impacto direto na vida das pessoas. “O salão é um lugar onde você vê as

pessoas saindo felizes. É um espaço ligado a momentos bons, como viagens, casamentos e eventos. Participar disso é muito gratificante”, diz.

Ela também destaca o papel da equipe na construção do sucesso do espaço. “São profissionais que sustentam suas famílias com o trabalho daqui. Muitos chegaram sem experiência e cresceram dentro do salão, se tornaram reconhecidos. Ver essa evolução também é muito gratificante”, celebra.

Mercado promissor

Na avaliação de Karine, o mercado de beleza em Brasília vive um momento bastante promissor. “É uma cidade em que muita coisa acontece. Tem muita festa, muito casamento. A política também movimentou muito. Se a gente observar, praticamente todos os dias há algum evento, uma posse, uma solenidade, alguma coisa acontecendo”, constata.

A empresária observa uma crescente valorização dos profissionais, acompanhada de um público exigente. Esse cenário tem impulsionado o aprimoramento constante do setor, com investimentos em qualificação, novas técnicas e melhor estrutura de atendimento.

“A mulher brasiliense é vaidosa. É uma cliente que viaja bastante, que acompanha o que está acontecendo no mundo. Muitas voltam trazendo referências. E recebemos muitos clientes do meio político”, pontua Karine, que literalmente faz a cabeça das principais damas da sociedade brasiliense.

Para a empresária, Brasília teve um papel central tanto em sua trajetória de vida quanto no sucesso do seu negócio. “Me dá uma sensação de segurança. A cidade te abraça. Você mantém relações com pessoas

que conhece a vida toda”, afirma.

A rede de contatos construída ao longo dos anos facilitou a consolidação do salão no mercado. “Isso ajudou muito na divulgação. Era o salão da Karine. As pessoas associavam, confiavam”, explica.

Além disso, o conhecimento do público local contribuiu diretamente para o desenvolvimento do negócio. “Quando você conhece o cliente, entende melhor o que ele precisa, o que busca. Você entende o estilo de vida, o perfil, para onde ele vai. Isso ajuda a definir o nicho e a forma de atender”, destaca. “Brasília acolhe quem trabalha bem. Se você presta um bom serviço, consegue crescer e ter sucesso nas ideias que coloca em prática”, completa.

Quando questionada como se enxerga em relação a Brasília daqui a 10 anos, Karine afirma que pretende continuar com Red Hair e compartilhar um outro sonho: criar um centro de formação profissional. De acordo com ela, a ideia surgiu ao ver inúmeras mulheres que passam por separações e precisam recomeçar aprendendo novos meios de conseguir renda.

“Poder facilitar esse caminho para outras mulheres seria uma forma de retribuir à cidade o que ela me proporcionou”, finaliza.

Meu encontro com Brasília

» ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA

Brasília, uma utopia pessoal

“...Estou na região onde o concreto se faz abstrato e o abstrato concreto, procuro olhar não vejo nada, torno a examinar, vejo tudo...”

Musa chinesa Chuan-Ta-King

São muitas as dimensões nas quais identifico Brasília presente no meu imaginário e na minha história, todas suficientes para que eu, capturado por elas, esteja morando aqui a quase quatro décadas.

A primeira, a física, ordinária — que rege os acontecimentos na dimensão visível e concreta da vida —, aconteceu em 1963 quando estive aqui pela primeira vez, aos 15 anos de idade, a passeio, trazido da Bahia por meu pai, de carro, numa longa viagem, com a boa intenção de reparar um trauma familiar no qual eu era o causador.

Meu saudoso e querido pai, Milton Oliveira, juscelinista informal, entusiasta apaixonado pela “ideia de Brasília” e pela “coragem inaudita” (termo então usado por ele) do seu criador, achava que essa mudança de ares me afetaria positivamente com algum tipo de “cura” para o meu mal comportamento adolescente e de fato, anos mais tarde, senti que a viagem “curou”, sim, algo em mim. Meu pai me trouxe até Brasília e, sem ter a menor ideia de que um dia eu faria filmes, muitos deles em Brasília, e muito menos que viria

Rama de Oliveira



me estabelecer nessa cidade para o resto da vida, me disse sem proferir palavra alguma mas eu entendi: “...O lugar do seu equilíbrio é aqui...”. Foi ele quem, anos depois, me deu o livro Ubirajara, o senhor da lança, de José de Alencar, no qual me inspirei para filmar A lenda de Ubirajara no

sico, filósofo, místico, também aquariano, chamado Anton Walter Smetak (suíço radicado na Bahia desde os anos 1950) que conheci, convivi pouco mas o suficiente para me encharcar dos seus “ensinamentos” sobre uma Brasília oculta, profunda e o seu significado transcendente análogo à

Araguaia. Por causa desse filme passei a frequentar e conhecer uma outra Brasília.

A dimensão imaginária, poética, mítica e a mais afeita ao meu perfil aquariano, foi-me apresentada nos anos 1960 por um senhor extraordinário, mú-

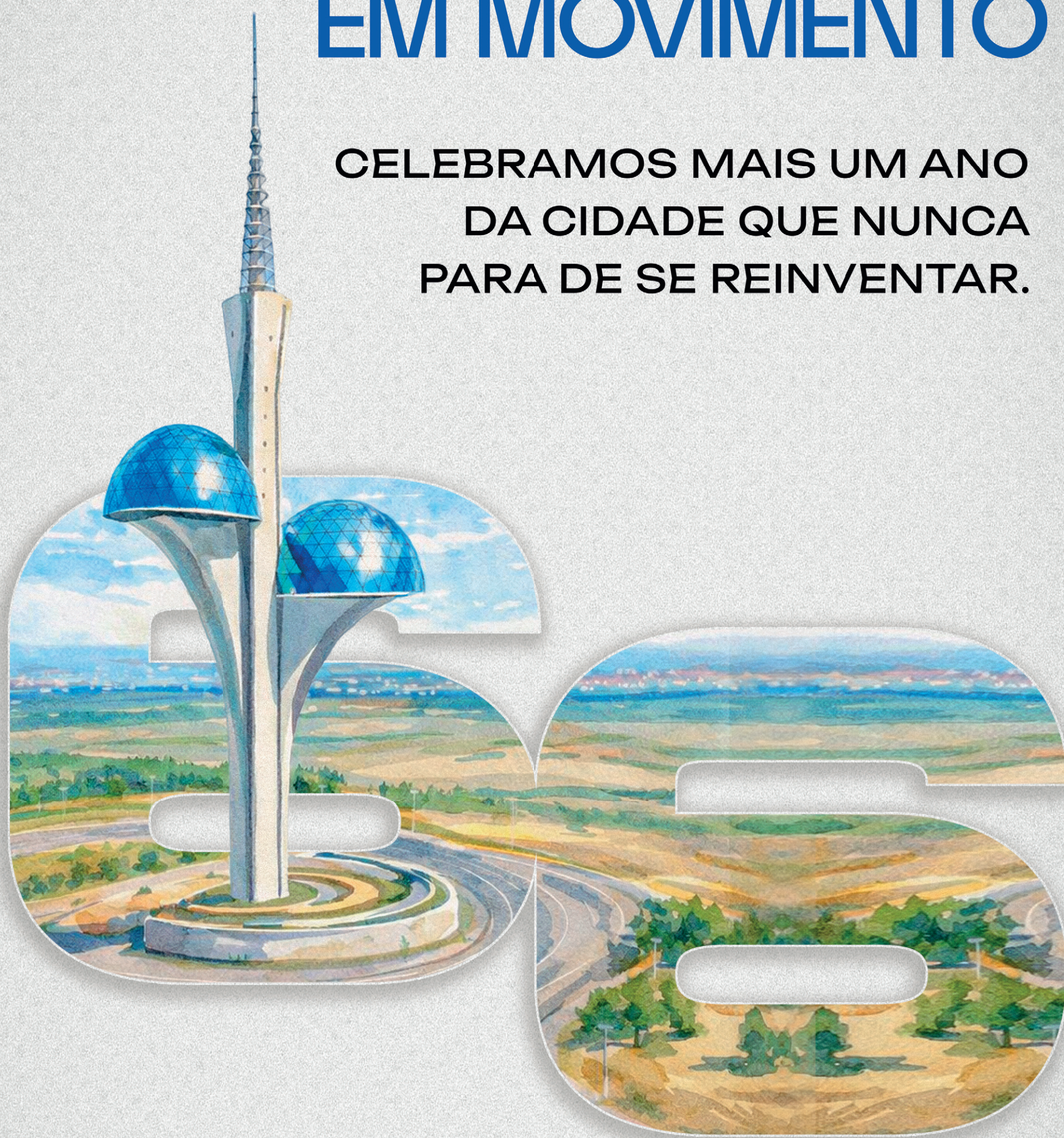
alma humana que cohabita e transcende o corpo sem que ninguém a veja.

Estes dois momentos relatados acima presentes na minha memória como cenas do destino, representam dimensões do mental/espiritual entrelaçadas e trabalhando juntas, foram determinantes para minha mudança para Brasília em 1991. Mas a dimensão humana emocional que concretiza o abstrato, só foi possível acontecer com a recepção amorosa de pessoas muito queridas como a saudosa cineasta Tania Quaresma e outras amigas e amigos desgarrados aqui vivendo abrigados e, sobretudo, no encontro com a minha companheira a musicoterapeuta Clarisse Prestes. Os filmes e festivais são outras histórias em outras dimensões...

André Luiz Oliveira é músico e cineasta

BRASÍLIA É INOVAÇÃO EM MOVIMENTO

CELEBRAMOS MAIS UM ANO
DA CIDADE QUE NUNCA
PARA DE SE REINVENTAR.



A CAPITAL QUE NASCEU DO SONHO E DO TRABALHO
SE TRANSFORMA NA CIDADE DA TECNOLOGIA E DA
SUSTENTABILIDADE.

PARABÉNS, BRASÍLIA!

SESI SENAI

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Na W3 Sul, o Infinu transforma becos em espaços de convivência e criação, fortalecendo a economia criativa e a cena independente e cultural de Brasília. O foco na colaboração e a diversidade dialogam com a concepção da capital

Economia criativa reinventa a cidade

» ANA CAROLINA ALVES

Foi em meio ao movimento de ocupação urbana e reinvenção dos espaços que nasceu o Infinu, iniciativa que busca traduzir, na prática, o potencial da economia criativa em Brasília. Idealizado por Miguel Galvão, o projeto surgiu durante a pandemia a partir da percepção de uma lacuna na cena cultural da cidade: a falta de espaços estruturados para pequenos palcos e produções alternativas.

Dessa necessidade o espaço tomou forma, descrito por ele como “o pequeno palco mais fantástico e endiabrado do país, servindo como aeroporto interestelar atendendo artistas alternativos querendo brilhar em solos candangos”.

Miguel lembra que, assim que o empreendimento começou a funcionar, sua vida mudou completamente. Ao lado de outros sócios, ele já era responsável pelo evento PicniK e dividia a rotina entre os projetos culturais e a carreira como economista. “Consegui equilibrar tudo por apenas um ano, quando então



(Infinu) o pequeno palco mais fantástico e endiabrado do país, servindo como aeroporto interestelar atendendo artistas alternativos querendo brilhar em solos candangos”

Miguel Galvão,
idealizador do Infinu

tive de escolher e abrir mão do campo mais ortodoxo, a economia, para dedicar de cabeça aos projetos culturais. Essa mudança me forçou a conviver com mais pessoas, diferentes e inesperadas, o que me proporcionou um crescimento pessoal importante”, ressalta.

Para Miguel, o espírito de colaboração e diversidade que o Infinu mantém vivo até hoje dialoga diretamente com a própria concepção de Brasília, pensada como um ponto de encontro de diferentes origens. “Isso está facilmente visível no Infinu observando a diversidade de nossa programação e do público que frequenta o espaço e também pela forma inusitada que ocupamos a W3 Sul, mostrando que os becos entre os blocos podem na verdade ser praças de convívio social e trazendo um compromisso estético com as atividades e tudo o mais que é feito”, explica.

No futuro, a expectativa é de continuidade, desde que o espaço siga fazendo sentido dentro da cena cultural de Brasília. “Torço para que ele esteja diferente (para melhor!) e continue relevante dentro da cena, além de fiel aos seus princípios fundadores, que buscam somar com a construção de uma realidade mais colaborativa, cooperativa, compartilhada e socioambientalmente responsável”, destaca.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O empresário Miguel Galvão deixou o trabalho ortodoxo para se dedicar a projetos culturais

Ponte para a inclusão

» CARLOS SILVA

No cenário tecnológico de Brasília, a inovação deixou de ser apenas uma busca por eficiência para se tornar uma ponte essencial de inclusão. A trajetória da Rybená, empresa brasiliense voltada à acessibilidade digital, surgiu de um propósito social, antes mesmo de se tornar um negócio.

Alderval Milhomens, um dos fundadores, relembra que o projeto teve origem nos anos 2000, dentro de uma iniciativa sem fins lucrativos ligada ao desenvolvimento de soluções tecnológicas para pessoas com deficiência. A virada ocorreu a partir de 2016, quando a demanda por acessibilidade digital começou a crescer de forma mais consistente. “As instituições passaram a demonstrar interesse real em ter soluções de acessibilidade, principalmente em ambientes web”, explica.

O passo decisivo veio em 2019, ano de fundação da empresa. Hoje, transforma a experiência digital ao converter textos para Libras com avatares 3D e oferecer leitura assistida por voz em três idiomas (português, inglês e espanhol). É uma ponte de inclusão que remove barreiras para surdos, disléxicos, idosos e pessoas com diferentes níveis de alfabetização ou deficiência intelectual. A solução da Rybená reúne mais de 30 recursos e segue em constante evolução. Um dos principais diferenciais é o uso de inteligência artificial para adaptar conteúdos para Libras, por exemplo. Atualmente, a tecnologia está presente em mais de mil sites e conta com mais de 200 clientes.

Apesar dos avanços, o empreendedor aponta que há

Arquivo pessoal



Alderval Milhomens, um dos fundadores da Rybená

desafios, especialmente no que diz respeito à conscientização. “A legislação determina que sites devem ser acessíveis. Mas, na prática, muitas instituições ainda não tratam isso como prioridade”, afirma. A barreira cultural é um dos principais entraves. “Muitas empresas acham que não têm pessoas com deficiência como público, ou simplesmente não conhecem essas dificuldades”, aponta.

Tanto pela proximidade com instituições quanto pelo contato direto com comunidades de pessoas com deficiência, Brasília teve

papel central no desenvolvimento da Rybená. “A cidade nos permitiu validar nossas soluções muito de perto, com apoio de universidades como a UnB, de intérpretes e usuários. Esse feedback constante foi fundamental para a evolução da plataforma”, enfatiza.

Ele confia nas possibilidades que Brasília proporciona. “A cidade ainda é muito voltada ao setor público, mas tem um enorme potencial na área de tecnologia. Se mais pessoas investirem nesse caminho, acredito que podemos ver surgir grandes empresas daqui”, avalia.

Carlos Vieira/CB/D.A.Press



Marcos Costa e Erika Gadelha (C) são os sócios-fundadores da Escrita com Ciência

A ciência de empreender

No coração do país, onde o concreto modernista de Brasília simboliza planejamento e ousadia, uma nova geração de empreendedores vem redesenhando o futuro a partir da capital. É o caso do Escrita com Ciência, que nasceu da percepção de que transformar boas ideias em projetos estruturados ainda é um dos principais gargalos do empreendedorismo no Brasil, especialmente quando ele surge dentro das universidades. “Nós ainda temos um déficit de letramento científico muito grande. Não adianta abrir editais se as pessoas não foram ensinadas a escrever projetos”, afirma o professor universitário e pesquisador Marcos Costa, sócio-fundador da empresa. O projeto auxilia estudantes e

pesquisadores a tirar (ou colocar) seus projetos de pesquisa do papel, por meio de mentorias, aulas on-line e presenciais, entre outros instrumentos. Está aí o diferencial: aproximar a visão acadêmica da empreendedora. “Elaborar um projeto de pesquisa é, antes de tudo, um exercício de organização do pensamento e da própria lógica do texto científico”, explica Erika Gadelha, que também é sócia-fundadora da empresa. Esse pensamento gerou resultados. A iniciativa ganhou prêmios como o 1º Lugar na “Empresa Cria” e 1º Lugar na “Competição de Selos” e venceu a Competição de Pitchs no Like a Boss do Distrito Federal, organizado pelo Sebrae-DF.

Para Marcos Costa, o empreendedorismo contemporâneo exige mais do que inovação: requer capacidade de articulação, clareza e estratégia. “Não adianta ter uma boa ideia se você não consegue comunicá-la”, destaca. O professor também chama atenção para o papel de cidades como Brasília nesse cenário. “Estar aqui nos coloca no lugar certo para transformar conhecimento em impacto”, observa.

Erika reforça a importância de formar uma nova geração preparada para esse desafio. “Brasília é, talvez, uma das poucas cidades do país onde é possível conectar, no mesmo território, universidade, governo, inovação e impacto social”, assinala. (CS)

Meu encontro com Brasília

» ANA MARIA LOPES

Carioca muito candanga

Larguei minha prancha de surf vermelha no Rio de Janeiro e me tornei a carioca mais candanga de Brasília. Aqui cheguei em 1963. Aos poucos fui me fundindo ao chão vermelho, à poeira que voava em espirais e às tempestades. Sentia-me conectada à feitiçaria, à mágica de uma cidade que brotava do chão rude. E desse amálgama a vida encheu meus dias, e os dela, num balé de emoções.

Brasília me convidou a brincar com emoções. Não imaginava que no convite estaria

incluído um festival de flores que tingem minhas retinas de ipês, flamboyants, cambuís, sibipirunas, quaresmeiras e muito mais.

Aliada à sua monumentalidade arquitetônica, surgiram mestres que trouxeram beleza e mais leveza a esse corolário de sentimentos. E lhe passeio, Brasília, vendo Athos, Bianchettis, Burles, Giorgios, Pierretis e Darlans. A trilha sonora vem da voz de Renato, de Cássia, dos bandolins de Hamilton e Reco, da flauta de Odette, da música e da poética de Clodo, Climério e Clésio.

Foram tantos gênios a preencher a cidade que criamos, Marcia Zarur e eu, a coleção *Mestres Cobogós*, projeto do Coletivo Maria Cobogó que pretende levar, pela biografia desses artistas, pertencimento e cidadania aos jovens das escolas públicas do Distrito Federal.

Ana Maria Lopes/Arquivo pessoal



Brasília sempre respirou poesia. E eu, jornalista, escritora e poeta, vejo-as surgirem nas calçadas, nos mosaicos do Gougou, nas linhas de Behr, de Noélia,

Barbieri saem imagens que instigam, revoltam, apaixonam e convidam a refletir.

E tantos são os caminhos que Brasília oferece que, por vezes, me perco nessa

Angélica, Cassiano, Amâncio e tantos outros que despejam poemas nas quadras, blocos e bares.

Nessa caminhada lírica, a pausa está no cinema candango, aquele que nos orgulha e comove. De Brazza, Vladimir, Moriconi e

peregrinação/elegia e me deparo com a arte e a resistência de Ceilândia, Samambaia, São Sebastião. Ali, a cultura explode jovem e efervescente em ritmo, rima e dança.

Um museu a céu aberto. E que céu! Sob esse festival de cores e nuvens, criei filhos, netos e bisnetos que ostentam comigo o prazer de caminhar nessa cidade. Nós assistimos a todas essas maravilhas sem desconhecer a desigualdade, a falta de justiça social, o descompromisso público.

Mas Brasília nos deu, além de sua beleza, os ideais da fraternidade, da igualdade e muitos motivos para resistir. E amar.

Ana Maria Lopes, jornalista, poeta e integrante do Coletivo Maria Cobogó

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Diretora da Rede Sarah, a neurocientista Lúcia Willadino Braga une ciência, inovação e cuidado humano para colocar o paciente no centro do processo de tratamento. Interessou-se pela neurologia durante a graduação em música na UnB

Precursora da **reabilitação humanizada**

» ANA CAROLINA ALVES

Transformar estímulos sonoros em caminhos para reabilitar o cérebro humano. Foi a partir dessa ideia, ainda na juventude, que a neurocientista Lúcia Willadino Braga construiu uma trajetória que une a própria história de inovação da Rede Sarah e de Brasília. Diretora da instituição desde 1994, ela chegou ao hospital com o ideal de transformar e fazer a diferença no tratamento das pessoas.

Formada em música pela Universidade de Brasília (UnB), ela conta que, durante a graduação, interessou-se por disciplinas ligadas à neurologia e ao desenvolvimento do pensamento. A partir dessa aproximação entre arte e ciência, desenvolveu uma pesquisa pioneira que conectava estruturas do som ao funcionamento cerebral, proposta que apresentou ainda jovem ao hospital. “Eu fiz um projeto para desenvolver estruturas de pensamentos através de estruturas do som de crianças com lesão cerebral. Trouxe para o diretor do Sarah da época, em 1978, se não me falha a memória, e ele me deixou ficar fazendo a pesquisa aqui”, lembra.

Foi dessa experiência que nasceu uma trajetória dedicada a pensar a reabilitação de forma integrada, unindo diferentes áreas do conhecimento e colocando o paciente no centro do processo. Criada em Brasília desde os 2 anos, ela explica que, para ela, crescer junto com a capital foi fundamental para seu senso de criatividade e



Vivi uma Brasília onde tudo era possível. Se a pessoa pode fazer uma sorveteria do zero, eu posso criar um método de reabilitação. Eu acho que Brasília traz essa liberdade de pensar”

Lúcia Willadino Braga,
diretora da Rede Sarah

pesquisa. “Vivi uma Brasília onde tudo era possível. Se a pessoa pode fazer uma sorveteria do zero, eu posso criar um método de reabilitação. Eu acho que Brasília traz essa liberdade de pensar”, destaca.

Reconhecimento

Lúcia, que tem reconhecimento nacional e internacional por seu trabalho como pesquisadora e gestora, reflete sobre a relação da Rede Sarah com a história e a construção

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho, Lúcia tem a expectativa de uma rede de hospitais ainda mais inovadora no futuro

de Brasília. “A Rede Sarah nasceu voltada para o futuro. Na medida em que ela vai trabalhando, ela vai se expandindo. Desde o início, o Sarah foi pioneiro em muitas coisas. Foi o primeiro hospital de reabilitação internacional no Brasil.

Aqui tivemos o primeiro tomógrafo computadorizado do Brasil”, conta. “É muito interessante sair de uma cidade que não tínhamos nada e, de repente, temos uma rede que gera coisas de impacto internacional”, celebra.

Para os próximos anos, a expectativa é de uma rede de hospitais ainda mais inovadora, com foco em tecnologia aliada ao atendimento humanizado, combinação que, para ela, seguirá sendo o diferencial da medicina.

“Eu vejo no futuro a gente com muita tecnologia e os humanos cuidando mais do que precisa do olhar humano, do afeto, da atenção, do olho no olho. Isso é outro, só uma pessoa faz, nenhum robô pode fazer”, ressalta.

De uma linha no papel, surgiram formas, curvas, encontros.

Fez-se arquitetura. Fez-se luz. Fez-se cidade.

De uma linha no papel, nasceu a vida. Nasceu Brasília.

Sob o céu que só ela tem.

PARABÉNS, Brasília.

O Hospital Santa Lúcia tem orgulho de estar entre os primeiros traços dessa trajetória e de cuidar, todos os dias, de histórias que desenharam a cidade.



 hospital
santalucia

grupo
santa

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



» Entrevista / ROZANA REIGOTA NAVES / REITORA DA UNB

A docente e gestora da Universidade de Brasília reflete sobre trajetória pessoal, inovação e o papel da instituição na formação das novas gerações que seguem construindo o cotidiano da capital em busca de um futuro melhor

Educação alinhada ao nosso tempo

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

» PAULO GONTIJO

Nascida do sonho de erguer uma capital no coração do país, Brasília sempre foi mais do que concreto e traço modernista. A cidade é feita de ideias e de pessoas que ousam colocá-las em prática. Há 66 anos, os primeiros pioneiros transformaram o Cerrado em símbolo de futuro. Hoje, esse espírito segue vivo, reinventado em salas de aula, laboratórios, pesquisas e projetos que atravessam fronteiras.

Nesse percurso, a Universidade de Brasília (UnB) ocupa um lugar central. Pensada como um projeto inovador desde a origem, a instituição acompanha, e muitas vezes antecipa, os movimentos da própria capital. Para a reitora Rozana Reigota Naves, que tem sua trajetória pessoal e profissional entrelaçada com a história da cidade, a UnB segue como espaço de formação de novos pioneiros: aqueles que, todos os dias, ajudam a redesenhar o presente e projetar o futuro. Confira, a seguir, os principais trechos da entrevista com a reitora.

Qual a importância de Brasília em sua trajetória acadêmica e profissional?

Brasília faz parte da minha própria identidade. Eu nasci aqui, venho de cidade-satélite, e construí toda a minha trajetória profissional na capital. Formei-me em Letras e fui professora da Universidade Católica de Brasília e, agora, completo 20 anos na UnB. Tenho uma gratidão muito grande pela cidade e pelas oportunidades que ela me ofereceu. Do ponto de vista acadêmico, sem dúvida, mas também político, já que estamos no centro das grandes decisões do país. Esse olhar mais politizado, que circula pela universidade e pela cidade, é constitutivo de quem somos.

O que mais marcou sua caminhada até chegar à reitoria da UnB?

Sempre fui muito ligada à vida da cidade e da universidade, com muita curiosidade sobre esse ambiente. Brasília tem uma efervescência cultural muito própria. Mesmo quando não estávamos nos grandes circuitos, havia uma movimentação importante, das bandas de rock ao cinema. E, do ponto de vista científico, a UnB sempre foi vista como um sonho para muitos jovens do Distrito Federal. Esse desejo de pertencer à universidade marca profundamente a minha trajetória.



A diversidade nos exige aprimorar processos pedagógicos e sociais, além de garantir acesso e permanência. O resultado é a formação de profissionais mais diversos, que levam para a sociedade valores como respeito, diálogo e promoção da paz"

Na sua visão, qual foi o ponto de virada em sua carreira?

Foi durante a minha primeira gravidez. Eu havia iniciado o curso de Administração na UnB, mas naquele momento decidi seguir minha vocação, que era ser professora. Optei por cursar Letras, e essa escolha orientou toda a minha trajetória a partir de 1991.

A UnB nasceu com uma proposta inovadora. Como essa vocação se mantém hoje?

A universidade está presente em diferentes territórios do Distrito Federal, com campi em Planaltina, Ceilândia e Gama, além do Darcy Ribeiro. Também estamos nos polos de extensão e em programas que vão além do DF, chegando a regiões como Acre e Bahia. A UnB segue projetando conhecimento para fora da capital, mantendo viva a ideia original de ser um polo estruturante no centro do país.

De que forma a universidade contribui para formar os novos pioneiros?

A UnB continua alinhada às demandas do nosso tempo. Estamos envolvidos em projetos internacionais, como a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, além de iniciativas como a implantação de uma UTI inteligente no Hospital Universitário. Também avançamos com supercomputadores, o curso de Inteligência Artificial, o projeto Genoma SUS e ações voltadas ao meio ambiente, como o Instituto Nacional do Cerrado. Tudo isso reforça nossa posição de vanguarda científica e tecnológica.

Qual é o papel da universidade no desenvolvimento cultural de Brasília?

A universidade sempre teve um papel importante na cultura da cidade. Muitas bandas surgiram aqui, ligadas à luta pela

democracia. Estamos retomando iniciativas como o Festival de Música (Finca), os jogos universitários e projetos nas áreas de teatro e artes. Queremos fortalecer essa UnB efervescente, onde a vida acadêmica se mistura com a cultural, a artística e a esportiva.

Como a senhora vê a universidade como parte do sonho do ensino superior hoje?

Estamos trabalhando para nos aproximar ainda mais das escolas, fortalecendo programas como o PAS, que completa 30 anos. Também ampliamos as formas de ingresso e as políticas de inclusão, como as cotas. A mensagem para a juventude é clara: continuem sonhando. A universidade está mais aberta e diversa, e é fundamental que os jovens ocupem esse espaço, especialmente em um momento no qual a defesa da educação e da democracia é tão importante.



Além de iniciativas como a implantação de uma UTI inteligente no HUB, avançamos com supercomputadores, o curso de Inteligência Artificial, o projeto Genoma SUS e ações voltadas ao meio ambiente, como o Instituto Nacional do Cerrado. Tudo isso reforça nossa posição de vanguarda científica e tecnológica"

E sobre o avanço da diversidade dentro da universidade?

Esse é um desafio que assumimos como instituição. A universidade precisa refletir a sociedade. A diversidade nos exige aprimorar processos pedagógicos e sociais, além de garantir acesso e permanência. O resultado é a formação de profissionais mais diversos, que levam para a sociedade valores como respeito, diálogo e promoção da paz.

Como a senhora se imagina daqui a 10 anos em Brasília?

Eu me imagino feliz e realizada por ter contribuído com o desenvolvimento da universidade e da cidade. A educação é a base do futuro do país, e é nesse campo que espero deixar meu legado.

E a UnB, como será daqui a 10 anos?

Imagino a universidade ainda mais projetada nacional e internacionalmente, entre as cinco mais lembradas. Mais do que rankings, queremos estar na vanguarda do conhecimento e influenciar debates fundamentais, como inteligência artificial, democracia e mudanças climáticas.

Que conselho a senhora daria às próximas gerações?

Acreditem no seu potencial e na força da juventude. É importante construir uma sociedade baseada no respeito, na solidariedade e na equidade. Esses são valores fundamentais para o futuro.

Meu encontro com Brasília

» DARLAN ROSA

O Plano é Piloto, mas o piloto é o homem

A cidade que eu sonhava ficava no espaço. Pelo menos era assim que minha cabeça de menino entendia aquelas reportagens de *O Cruzeiro*, lá pelos anos 1950, quando minha mãe lia para mim sobre plataformas espaciais e futuros improváveis. Eu nem sabia juntar letras, mas já juntava mundos. E quando ouvi no rádio, aos 10 anos, que iam construir Brasília, em forma de avião, imaginei

logo: claro, é uma daquelas plataformas. E anunciei, convicto, que iria morar lá. Afinal, seria a capital de todos os brasileiros.

Depois percebi que Brasília não nasceria no espaço, mas num planalto tão alto que, para o menino que eu era, parecia quase tocar o céu. O sonho continuava suspenso, firme, brilhando no horizonte. Eu seguia acompanhando cada notícia, cada desenho, como quem vigia o crescimento de algo que já sente seu. Até descobrir que o tal Plano Piloto tinha, sim, um "piloto" de verdade: Lucio Costa, vencedor do concurso de 1957, o homem que traçou no papel a cidade que eu imaginava fluando.

Em 1967, finalmente desembarquei na Brasília de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. A sensação era estranha e familiar ao mesmo tempo — como se eu estivesse voltando para um lugar onde já tinha vivido, mesmo sem nunca ter pisado ali antes. Fui trabalhar na

Luis Nova/Esp. CB



TV Brasília como desenhista e, sem querer, virei o "Titio Darlan" do programa Carrossel. Contava histórias, fazia brincadeiras, alegrava tardes inteiras. O programa durou quatro anos, mas eu não aguentei a popularidade. Não podia nem ir à padaria sem virar evento. Saí de fininho.

noite, no Ceub, porque o curso de arte da UnB era diurno e eu precisava trabalhar. A vida ia me moldando pelas bordas.

Em 1986, comecei a colaborar com o Unicef. Nasceu ali o Zé Gotinha. Foram 16 anos de desenhos animados, livros infantis, no Brasil e em outros países. Muitas viagens e descobertas.

Fui então para o Ministério da Educação, trabalhar na revista *Cultura*, fotografando museus e conhecendo artistas que me empurraram, sem que eu percebesse, para o caminho das artes. Estudava jornalismo, publicidade e relações públicas à

paralela. Em 1996, fui estudar computação gráfica na Califórnia e terminei o curso espalhando esculturas digitais pela cidade que me adotou.

De volta ao Planalto, transformei pixels em aço. A primeira obra, no Pontão do Lago Sul, foi instalada em 1999 — e hoje pedindo socorro, precisando de reparos que tento conseguir há anos. De lá para cá, são 27 anos de esculturas, 63 obras públicas espalhadas por Brasília: no Memorial JK, no CCBB, no Congresso, Itamaraty, em museus, em praças, em frente a prédios que viram minha arte antes de ver o dia nascer.

Em 2027, completo 60 anos de amor por Brasília e 80 de vida. E penso que, no fundo, aquela plataforma espacial da minha infância existia mesmo. Só que não flutua no céu — flutua dentro de mim.

Em 1996, fui estudar computação gráfica na Califórnia e terminei o curso espalhando esculturas digitais pela cidade que me adotou.

De volta ao Planalto, transformei pixels em aço. A primeira obra, no Pontão do Lago Sul, foi instalada em 1999 — e hoje pedindo socorro, precisando de reparos que tento conseguir há anos. De lá para cá, são 27 anos de esculturas, 63 obras públicas espalhadas por Brasília: no Memorial JK, no CCBB, no Congresso, Itamaraty, em museus, em praças, em frente a prédios que viram minha arte antes de ver o dia nascer.

Em 2027, completo 60 anos de amor por Brasília e 80 de vida. E penso que, no fundo, aquela plataforma espacial da minha infância existia mesmo. Só que não flutua no céu — flutua dentro de mim.

Darlan Rosa é artista plástico e criador do personagem Zé Gotinha



Brasília nasceu de um traço.
Há 26 anos, a **Faenge** tem a honra de dar
continuidade a essa obra de arte.

Brasília, parabéns pelos 66 anos.

SEU IMÓVEL MERECE
SER UM **FAENGE**

Águas Claras | Noroeste | Park Sul



+4.000
imóveis



+5.000
empregos
diretos gerados



CONHEÇA
NOSSA
HISTÓRIA
EM BRASÍLIA

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Daniela Bittencourt, pesquisadora da Embrapa, destaca como a capital federal impulsiona estudos inovadores com a planta cannabis e projeta um futuro de soberania tecnológica para o coração do país, com rigor técnico e resiliência política

Ciência para quebrar tabus

» LETÍCIA MOUHAMAD

Futuro, planejamento e ousadia. Para Daniela Bittencourt, de 48 anos, pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), as três palavras se relacionam tanto a Brasília quanto ao fazer científico, área à qual se dedica há pelo menos 20 anos. Hoje, ela é um nome de peso em pesquisas de ponta, como a biologia sintética, e, mais recentemente, nos estudos com a planta cannabis. Apesar de nascida em Uberaba (MG), ela tem a capital federal como base. Foi aqui que uniu formação científica, atuação institucional e compromisso com temas estratégicos para o Brasil.

“A cidade nasceu de uma visão ambiciosa de país, e essa ideia de imaginar o que ainda não existe dialoga bem com a pesquisa científica. Trabalhar com inovação exige exatamente isso: pensar adiante, questionar limites e construir caminhos novos com responsabilidade, sem perder o compromisso com a ética, a inclusão e o interesse público”, diz a secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em cannabis.

Para ela, a ciência não é um campo estático, mas um organismo vivo que exige adaptação e, acima de tudo, um propósito social claro. “Minha trajetória sempre foi marcada pela curiosidade científica e pelo interesse em compreender a

vida em profundidade, desde os sistemas biológicos mais complexos até suas aplicações práticas para a sociedade”, explica, reforçando que sua entrada na Embrapa, em 2007, foi o passo decisivo para unir a pesquisa de laboratório à estratégia de Estado.

Além do laboratório

Em solo brasiliense, ela encontrou o ambiente ideal para exercer ciência de impacto, capaz de gerar inovação e responder a desafios concretos do país. Diferentemente de outros polos acadêmicos, a capital oferece a Daniela uma proximidade única com os centros de decisão. Para a pesquisadora, o fazer científico no Distrito Federal ganha uma camada institucional robusta, na qual o laboratório precisa dialogar constantemente com ministérios e agências reguladoras.

“Estar aqui significa atuar em um ponto de convergência. Brasília me ensinou que o avanço científico depende de redes, de cooperação e, principalmente, de coragem para defender agendas inovadoras, mesmo quando elas ainda enfrentam resistências”, observa a pesquisadora.

Ao assumir o protagonismo em temas de vanguarda, como a biologia sintética e os estudos com cannabis, Daniela passou a ocupar um espaço de liderança que exige tanto rigor técnico quanto resiliência política. Ela encara o

Arquivo pessoal



A pesquisadora é secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em Cannabis

pioneirismo com uma serenidade estratégica, compreendendo que pavimentar novos caminhos na capital federal exige paciência para substituir o preconceito pela evidência. “Pavimentar esse caminho não é apenas defender um tema, mas ajudar a criar bases para que ele seja tratado com

responsabilidade, segurança e relevância para o país”, avalia.

Nesse processo de desmistificação, Daniela assume também um papel de mentoria para as novas gerações. “Trabalhar com temas cercados de tabu exige preparo técnico, mas também maturidade para lidar com resistências, interpretações

equivocadas e até julgamentos precipitados. É importante estudar profundamente, construir credibilidade, dialogar com diferentes públicos e manter clareza sobre o propósito do trabalho. A ciência tem justamente esse papel: lançar luz sobre temas complexos e substituir o preconceito pela evidência”, orienta.

Polo de pesquisa

Além do rigor técnico, há uma forte conexão afetiva e ambiental em seu trabalho. Daniela enxerga o potencial do Cerrado não apenas como um cenário, mas como um ativo estratégico para a soberania nacional. Suas pesquisas atuais propõem um modelo de desenvolvimento que respeita a biodiversidade local enquanto busca inovação de alto valor agregado.

“Durante muito tempo, pensamos na expansão agrícola apenas em termos de ocupar terra. O desafio agora é ocupar espaços de inteligência. No caso da cannabis, estamos construindo as bases técnicas para uma cadeia produtiva segura, rastreável e adaptada à realidade brasileira, articulando agricultura, saúde, indústria e políticas públicas”, pontua.

A visão de Daniela sobre o futuro da cidade é tão estruturada quanto o Plano Piloto. Daqui a uma década, ela projeta uma Brasília que não apenas abraça o poder, mas que exporta inteligência e regulação científica para o mundo. “Gostaria de ver o tema da cannabis tratado com naturalidade e responsabilidade, sob uma perspectiva agrícola e industrial consolidada”, projeta.

Para a cientista, o legado de JK de integrar o país ganha, agora, uma nova versão. Se em 1960 a integração foi territorial, as pesquisas de Daniela propõem uma integração pela inteligência, na qual o coração do Brasil se torna o motor de uma soberania tecnológica.

Legado alimentar para o amanhã

» DARCIANNE DIOGO

Inovação nem sempre significa criar algo inédito — em muitos casos, exige recuperar o que foi deixado para trás. Essa lógica orienta a trajetória do agrônomo Nuno Rodrigo Madeira, de 54 anos, que mora em Brasília desde 2002. Nascido no Rio de Janeiro, ele se mudou para a capital para ingressar na Embrapa Hortaliças, no Gama, onde construiu uma trajetória singular ao apostar em um campo historicamente marginalizado pela ciência agrônoma.

Em um cenário dominado por grandes cadeias produtivas e monoculturas, seu trabalho reposiciona as chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC) como alternativas estratégicas para o futuro da alimentação.

O ponto de inflexão na carreira aconteceu em 2006, quando passou a ser curador de uma coleção de germoplasma de hortaliças não convencionais. “A partir daí,

percebi que a preservação dessas espécies não poderia se restringir ao armazenamento em coleções científicas. A conservação efetiva se faz pelo uso”, afirma o pesquisador, destacando que o esforço envolve tanto o cultivo quanto a promoção do consumo dessas plantas.

Para Nuno, o alcance dessa proposta extrapola os limites da agronomia convencional e dialoga com diferentes áreas do conhecimento. “O trabalho nasce a partir dos quintais produtivos, tem forte aderência com a agricultura urbana e o paisagismo produtivo, é naturalmente de base agroecológica, multidisciplinar com forte diálogo com a nutrição e ciências da saúde e com a culinária e a gastronomia”, descreve.

Nesse processo, espécies antes tratadas como secundárias ganham novo protagonismo. Madeira chama atenção para o fato de que muitas dessas plantas — como araruta, mangarito, ora-pro-nóbis, taioba, berta-lha, almeirão-roxo, língua-de-vaca,

peixinho-da-horta e inhame-cará — foram progressivamente excluídas da alimentação cotidiana.

“A perda dessas referências em nossos hábitos alimentares foi ocorrendo lentamente, resultado da urbanização e da verticalização das cidades, da globalização e da massificação da alimentação”, analisa. Ao mesmo tempo, ele aponta que esse movimento trouxe consequências concretas para a saúde e para a diversidade alimentar.

Nesse sentido, Brasília aparece como elemento estruturante da trajetória de Nuno. O pesquisador destaca que a configuração da cidade favorece o diálogo entre campo e cidade, potencializando a difusão dessas culturas. “Brasília é uma cidade única, por sua pluralidade, um tanto cosmopolita, um tanto regional, muito urbana, mas também muito agrícola”, afirma. Essa característica, segundo ele, cria um ambiente propício para conectar produtores, consumidores e diferentes expressões

Ed Alves CB/DA Press



Nuno Madeira trabalha com plantas alimentícias não convencionais como alternativa para o futuro da alimentação

e do público, que apontaram a ausência histórica de apoio científico a essas espécies e reconheceram, naquele momento, uma mudança de postura institucional.

“Aquelas declarações me fizeram perceber que eu estava no caminho certo para tentar fazer a diferença, de forma simples mas consistente, de forma coletiva e persistente”, relata.

Mais do que resgatar alimentos do passado, o trabalho de Madeira propõe uma ressignificação. Ao incorporar ciência, nutrição e gastronomia, ele transforma plantas associadas à escassez em ativos estratégicos de um sistema alimentar mais resiliente. “Nosso trabalho tem sido justamente sensibilizar as pessoas”, afirma, ao enfatizar a necessidade de reconectar as novas gerações com a origem dos alimentos e com formas mais diversas de produção e consumo.

Meu encontro com Brasília

» FREDERICO DE HOLANDA

Estranheza e fascínio

Há exatos 54 anos, em 21 de abril de 1972, eu adentrava, com minha esposa, Rosa, o Eixo Rodoviário Sul de Brasília, dirigindo um fusquinha velho. Sou recifense, lá me formei em arquitetura em 1966, trabalhei no Maranhão na construção de uma cidade entre 1967 e 1969 (Nova Iorque-MA), onde conheci Rosa, mudamos, juntos, para o Rio, onde residimos entre 1969 e o início de 1972.

Portanto, para um urbanista inveterado, que amava o Recife, depois o Rio, e ia pelo menos uma vez por semana a Copacabana — a meu ver, o bairro de maior urbanidade — onde todas as gentes e práticas se misturam em grande quantidade — o primeiro sentimento com Brasília foi de estranheza, algo profundamente enigmático. Carecia entender o sentimento, e isso constituiu meu principal eixo de reflexão, a partir de 1972, como docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade de Brasília.

Minha primeira atenção voltou-se ao centro urbano. Centro? Brasília tem “centro”? O que era assim denominado parecia um arquipélago de setores especializados, separados entre si por vias expressas, vastos parques de estacionamento (de carros), grandes áreas desocupadas — tudo ao contrário da Av. Rio Branco + Cinelândia (Rio), ou da Av. Paulista + Parque Triunfo (São Paulo), ou do Largo do Pelourinho + Rua Alfredo Brito + Terreiro de Jesus (Salvador). Meu trabalho com os estudantes de projeto consistia em “tapar buracos”, como o existente entre os dois Setores de Diversões, ao longo da Plataforma Rodoviária, esta, o ápice da concentração de pessoas no centro.

Por outro lado, minhas crianças nasceram e cresceram em superquadras, eu via a intensidade como elas usavam o “lá embaixo do bloco”, e faziam amizades puramente fruto da vizinhança — portanto “determinadas” pelo espaço. Mas não só: os adultos (como nós) também usufruíam o lugar, por puro deleite ou para caminhadas pelas calçadas. Contudo, se isso ocorre dentro das superquadras, não ocorre entre

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



superquadras: para dar exemplo extremo, basta pensar no pesadelo que é ir das quadras “100” para as quadras “200” do Plano, atravessando o Eixo Rodoviário, em qualquer dos modos possíveis.

Quanto aos espaços monumentais, minha sensação eram uma mescla de afetos: extasiava-me com sua beleza, mas incomodavam-me seu isolamento e suas dimensões: a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes são um apêndice urbano, “pendurado” no resto da cidade pela Plataforma Rodoviária. O lugar me lembrava a equação monumentalidade

governamentais, e coroada pela Pirâmide da Lua, pensei: como é possível? Estou numa Brasília do séc. I d.C.! Mais: a avenida tem 2.000 metros de comprimento, a exata distância entre... a Plataforma Rodoviária e o Congresso Nacional, em Brasília.

Daí em diante, esses espaços de exceção, como passei a chamá-los, viraram minha obsessão. Seus atributos principais: grandes dimensões, relativo isolamento, abrigando exclusivamente funções político-cerimoniais-simbólicas. Através dos milênios, ocorrem em sociedades que não constroem apenas para

— autoritarismo, tão martelada pelos críticos luminosos da arquitetura moderna.

Então, em 1976, conheci o sítio arqueológico de Teotihuacán. Foi um choque. Quando pisei na Av. dos Mortos, ladeada pela Pirâmide do Sol e por palácios

dos aspectos prático-econômicos da vida cotidiana, mas sobre investem no simbólico: Brasília, sim, mas também Versailles (séc. XVII d.C.), a Cidade Proibida de Beijing (séc. XV), os castelos feudais franceses (séc. XII d.C.), os Centros Cerimoniais Maías (séc. III a VII d.C.), as pirâmides do Egito Antigo (séc XXV a.C.), Stonehenge (séc. XXX a.C.) — a tradição vai longe. Por que, hoje, todos atraem multidões de visitantes?

As sociedades que construíram esses lugares eram mais complexas do que sugeria a equação monumentalidade = autoritarismo, principalmente quando confrontadas com sociedades que não o fizeram — o confronto tornou-se o tema de minha tese de doutorado. Minha admiração por Brasília só cresceu, e sempre que volto do Plano para casa, mesmo fazendo um caminho mais longo, dou um jeito de entortar o percurso e passar pela Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes, experimentando de novo, e de novo, e de novo, o fascínio com o lugar.

Frederico Holanda é professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Segunda-dama do país, Lu Alckmin comenta a trajetória como voluntária e celebra o sucesso da Padaria Artesanal em Brasília, que conta com 44 unidades no DF transformando a vida de mais de mil famílias

Receitas com afeto e esperança

» LETÍCIA MOUHAMAD

Em diários carregados de fotos e anotações feitas à mão, Lu Alckmin guarda as memórias dos 25 anos de projetos sociais desenvolvidos Brasil a fora. Ali, ela relata a emoção de encontros que transformaram vidas e a motivaram, ano após ano, a expandir suas iniciativas. No caderno de 2023, as primeiras imagens a mostram em Brasília. Foi naquela ocasião que a segunda-dama do país lançou o projeto Padaria Artesanal no Distrito Federal, estimulando o empreendedorismo e a inclusão produtiva da população em situação de vulnerabilidade social.

De lá para cá, mais de mil famílias do DF foram beneficiadas pela qualificação que ensina o esmero da panificação. São 44 unidades do projeto, incluindo um polo nacional localizado

na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na 615 Sul. “Desde 2001, são ensinadas as mesmas dez receitas dos pãezinhos, que podem ser adaptadas conforme a realidade de cada região”, comenta a idealizadora da Padaria Artesanal. Na apostila entregue aos alunos, há, também, dicas de como reaproveitar ingredientes que sobram durante a receita. “São pães nutritivos, baratos, fáceis de fazer e com valor comercial”, acrescenta dona Lu.

Os frutos do empreendimento social — que conta com parceiros como a Arquidiocese de Brasília e o Sistema S — chegam até a segunda-dama por meio de relatos emocionantes dos alunos. “Outro dia, eu estava em Santa Maria para entregar alguns diplomas e, entre as formandas, havia uma mulher com um bebê de colo e mais três crianças em sua volta. Todos pequenos. Ela dizia não estar ali para

vender pão, mas, sim, para aprender a fazê-lo e poder alimentar sua família, porque as crianças estavam passando fome”, recorda.

Na Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 307/308 Sul, mais um encontro marcante. Um rapaz chamado Caio, antes desempregado, procurou um multiplicador de conhecimentos em panificação naquele espaço e aprendeu a colocar a mão na massa. “No dia em que entregamos os diplomas, ele contou que convenceu os pais a também fazerem o curso na paróquia. Os três se engajaram nesse ofício e agora vendem os pães por meio do Delícias do Caio. Virou o sustento da família”, conta dona Lu.

Memória afetiva

A relação de Lu Alckmin com Brasília, no entanto, é anterior ao

papel de segunda-dama e está aliçada em uma lembrança que remete ao fim da década de 1980. Naquela época, enquanto Geraldo Alckmin atuava como deputado federal constituinte, era ela quem percorria as vias da capital para levar os três filhos à escola.

“Minha memória afetiva é a Igreja Dom Bosco. Eu estudava com as crianças em casa e depois as levava para o colégio, que ficava ali ao lado”, recorda. Para ela, o santuário de vitrais azuis não é apenas um marco arquitetônico, mas um refúgio de paz que simboliza a própria essência da cidade. “Dom Bosco teve aquele sonho profético de que aqui seria a terra onde jorraria leite e mel. Brasília tem essa ligação forte, essa vocação para o futuro que sempre me inspirou”.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Lu Alckmin atua em Brasília com a Padaria Artesanal

Mariana Campos/CB/D.A.Press



José Carlos e Maria Laura mantêm o legado de Carlos Patto (no cartaz)

Ensinando a conviver com Parkinson

» BEATRIZ MASCARENHAS

Na saúde e na doença, entre alegrias e tristezas, parkinsonianos e seus parceiros se reúnem semanalmente na busca por qualidade de vida, na Escola Parque da 210 Sul. Isso porque, há 21 anos, Carlos Anibal Patto tomou a decisão de criar uma associação para auxiliar pessoas que, assim como ele, lidavam com o diagnóstico da Doença de Parkinson, uma condição neurodegenerativa que afeta o sistema

nervoso. Agora, em 2026, sua esposa, Maria Laura Patto, e o amigo José Carlos Delphino dão continuidade ao projeto, abraçando um grupo de cerca de 100 pessoas que estudam os avanços da ciência diante dos desafios da condição.

Aviador da Força Aérea, Carlos foi diagnosticado com Parkinson aos 43 anos, em 1989, quando notou uma extrema lentidão dos seus movimentos no dia a dia. O aviador não conseguia fazer as anotações de voo em tempo real.

“Fui à consulta com minha esposa, Maria Laura. Quando ele disse que eu tinha a Doença de Parkinson, foi como se uma bomba caísse em cima de nós”, descreveu ele no livro Rompendo as amarras da Doença de Parkinson, escrito em 2012. Carlos morreu em outubro de 2023, 33 anos após o diagnóstico, “em convivência pacífica com a doença”, segundo descreveu em uma das páginas.

Ao recuperar-se do impacto da notícia da doença, Carlos Anibal

manteve-se em tratamento com o neurologista Naser Alang. Observando as movimentações de seu paciente, o médico o incentivou a fundar uma associação para os parkinsonianos da capital.

Assim, a Associação Parkinson Brasília foi criada em 23 de abril de 2005. “Atualmente, contamos com psicoterapia para os familiares, além de musicoterapia e um grupo de arte, que trabalha com atividades como aquarela e pintura”, orgulha-se Maria Laura.

ADEMI DF

O DF cresce todos os dias.

A Associação de Empresas do Mercado Imobiliário do Distrito Federal - ADEMI DF - e suas associadas

trabalham para transformar crescimento em desenvolvimento ordenado e sustentável.

Cada avanço é um compromisso com a qualidade de vida e o futuro da população. A ADEMI DF constrói o DF com você!

COMPROMISSO COM O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL. PARABÉNS, BRASÍLIA!



Mais



por



você

A empresa
que mais investe
no setor elétrico
no Brasil.



Neoenergia
Brasília
Mais por você

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Livro traz negativos inéditos da construção da capital feitos pelo fotógrafo mineiro Geraldo Vieira, um aventureiro e repórter nato que, em diferentes ocasiões, viajava 400km em estrada de terra para eternizar momentos importantes

Registros de uma cidade que surgia

» MANUELA SÁ*

Fotos inéditas da construção de Brasília compõem o livro de arte *Brasília: Geraldo Vieira*, escrito pela jornalista Fernanda Torquato. Com 457 negativos em preto e branco, a obra, em pré-venda, traz imagens que mostram a cidade no processo de se tornar capital, feitas pelo fotógrafo mineiro **Geraldo Vieira**.

De acordo com o neto Henrique Vieira, a vontade do fotógrafo de registrar o nascimento de Brasília foi motivada pela paixão. Envolvido com a comunidade e idealista, Vieira nutria uma “relação pessoal com a loucura de Juscelino Kubitschek” de construir a capital em uma área deserta. Esse vínculo também se devia ao fato de o tio do presidente ser de Araguari (MG), onde morava Vieira. Era um sentimento comum entre os habitantes da cidade a admiração por Kubitschek e por suas ideias.

Descrito por Henrique como aventureiro e repórter nato, o fotógrafo veio para Brasília em diferentes ocasiões interessado em fazer registros de momentos importantes. Na primeira vez, veio acompanhado de uma turma de cerca de 20 pessoas para a primeira missa da capital. Nas vezes seguintes, Vieira veio de Kombi. Era a vontade de ver de perto a concepção da cidade que o levou a percorrer 400 km em estrada de terra e fotografar o que encontrou aqui. Há também fotos da inauguração, feitas quando ele veio acompanhado da família.

O neto destaca a engenhosidade de Vieira. Sabendo da dificuldade que teria em fazer imagens

de Juscelino Kubitschek, sempre rodeado de jornalistas e admiradores, o fotógrafo usou um cabo de vassoura para colocar sua Rolleiflex no alto e tirar bons registros do presidente. Para essa invenção, a família deu o nome de “trapizonga”. Henrique Vieira conta que a criatividade para inovar era característica marcante do avô. “Sua casa era cheia de engenhocas. Algumas para manter a porta aberta, outras para não desligar a torneira”, lembra.

Curiosidades

Fernanda conta que no livro é possível ver imagens que contam curiosidades. Uma das fotos, por exemplo, captura o momento em que o ator americano Leo Carrillo, conhecido por interpretar caubóis, coloca o chapéu na cabeça de Juscelino Kubitschek em uma visita à cidade. Há também registros da corrida de carros feita no dia da inauguração de Brasília, em que aparecem ferraris e porsches. “Elas falam do passado de uma cidade moderna”, descreve a jornalista Fernanda.

Para a autora, essas imagens são o ápice da fotografia de Vieira em questão de estética. Ela conheceu as obras do mineiro a partir de fotos penduradas no Museu dos Ferrovários de Araguari. Já os registros de Brasília estão sob os cuidados da família. Fernanda observa que essas imagens dão ênfase aos monumentos e a grandiosidade da cidade que estava para surgir. “Pelas fotos, parece uma pessoa que está diante de algo muito exuberante, que deseja exaltar”, finaliza.



Fotos: Geraldo Vieira/Arquivo pessoal



Palácio do Planalto (acima); trabalhadores plantam grama em frente ao Brasília Palace Hotel; JK conversa com Israel Pinheiro no aeroporto

Carlos Vieira/CB/D.A Press



“O futuro é construído a partir da utopia do presente”, diz Menck

Preservar a história para construir o futuro

Brasília nasceu como uma utopia planejada que, com o tempo, foi sendo alterada para se adaptar às mudanças sociais. Revisitar as ideias originais e ver o que era para ser e o que se tornou pode ser um caminho para construir o futuro. É o que defende o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), José Theodoro Menck. À frente do instituto responsável pela preservação da memória e da identidade cultural da capital federal, Menck diz que, no local, o público pode conhecer relíquias que contam a história da cidade, além de ter contato com materiais relacionados à geografia, genealogia e antropologia.

Dentre os objetos sob os cuidados do instituto, Menck destaca os pertences do engenheiro Joffre Parada, responsável pela desapropriação das fazendas do Distrito Federal para a construção de

Brasília. Foi ele também quem demarcou o Marco Zero e fez o primeiro mapa do DF. No instituto, estão instrumentos de trabalho, documentos, mapas e fotografias do pioneiro.

Outras relíquias do acervo são o **Jipe** usado por Juscelino Kubitschek durante a construção de Brasília, duas máquinas de projeção do primeiro cinema da cidade e medalhas comemorativas. Menck avalia que parte da importância do instituto e do valor de conhecer seu patrimônio está no fato de que a população pode procurar nos arquivos as ideias originais de quem concebeu a cidade e ver o que

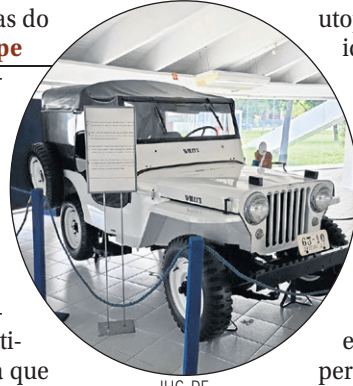
ainda vale a pena ser implementado e o que deu errado.

Por ser uma cidade planejada, que parte dos ideais de futuro de diferentes pessoas, Menck considera que Brasília é uma utopia. Ele conta que a ideia era que a capital fosse um grande jardim. No projeto original, os prédios seriam rodeados por árvores e todos conseguiriam circular pelos amplos espaços. Os pilotis permitiriam que a população andasse por baixo dos prédios e tivesse a visão completa do jardim.

Hoje, pedestres podem andar livremente por baixo dos prédios nas entrequadradas. No entanto,

vários dos vãos entre os pilotis foram tomados por novas construções, como salões de festa, garagens e academias. Menck reflete que essas alterações se dão como resultado de mudanças de valores. Antigamente, por exemplo, o mais comum era fazer encontros em casa. Hoje, muitos moradores optam pelo salão de festa do prédio na hora de reunir amigos e familiares. Esses espaços tapam parte da visão do jardim, tratando-se de uma mudança no plano inicial. “Utopias vão ser alteradas para as necessidades do presente”, diz Menck.

Menck destaca que conservar o passado é uma forma de pensar o agora e escolher a melhor opção para a atualidade. Ele ainda fala que são ideias e sonhos atuais os responsáveis pelos próximos passos. “O futuro é construído a partir da utopia do presente”, afirma. (MS)



IHG-DF

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Mercedes Urquiza veio da Argentina a Brasília em um jipe

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cosete Ramos ouviu discurso de JK ao transferir a capital para Brasília

Relatos de quem sonhou junto com JK

Antes de Brasília ganhar os contornos de hoje, houve uma geração que ajudou a tirar a cidade do papel e deu vida ao local. Mercedes Urquiza e Cosete Ramos, duas dessas pioneiras, contam o que encontraram quando chegaram aqui e como construíram a vida na capital.

A argentina Mercedes Urquiza decidiu vir a Brasília depois que um amigo de seu marido mostrou para o casal um recorte de jornal noticiando a construção da nova capital em um lugar deserto. Foi pela vontade de acompanhar o desenrolar dessa ideia inusitada e de começar uma nova vida que o casal botou as malas e o cachorro em um jipe e partiu para o planalto central em uma viagem de quase dois meses. Quando chegaram aqui, no

fim de 1957, encontraram a Cidade Livre, núcleo urbano de apoio à construção de Brasília. Para Urquiza, todos eram aventureiros.

Ao longo dos anos, Mercedes conta que teve que se reinventar diversas vezes. No início, assumiu a função de corretora oficial da Novacap, companhia responsável pela construção de Brasília. “Eles me deram uma planta imensa do Plano Piloto, com tudo vazio e à venda. Imagine ter uma cidade inteira à venda, na sua mão”, diz. Hoje, Mercedes guarda com carinho as escrituras desses primeiros 100 lotes vendidos.

Ela também trabalhou como taquígrafa na Universidade de Brasília (UnB), ao lado de Darcy Ribeiro. Outra profissão assumida foi a

de jornalista do periódico argentino *La Nación*. Várias dessas memórias estão no livro *A Trilha do Jaguar: na Alvorada de Brasília*, para o qual busca apoio para lançar a segunda edição.

Já a pioneira Cosete Ramos, filha do deputado federal do Rio Grande do Sul Ruy Ramos, veio para Brasília quatro dias antes da inauguração. Em 21 de abril de 1960, ela estava no Congresso Nacional, de onde acompanhou com o coração batendo forte Juscelino Kubitschek ser ovacionado após assinar o decreto que transferiu a capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília.

Cosete formou-se na primeira turma de normalistas do Centro de Ensino Fundamental Caseb e,

depois, em Pedagogia na UnB. Sobre sua trajetória nesses 66 anos em Brasília, a pioneira conta que ela “começa com esperança, se desdobra em realizações e culmina com um novo sonho, uma pauta internacional, cercada de muitos parceiros: queremos transformar Brasília em Capital da Felicidade”. Segundo Cosete, quando chegou a Brasília, tudo o que encontrou foi terra e chão. O importante para ela foi observar a beleza e o amor na capital para trazer a cidade para dentro de si. “Quando cheguei, consegui ver para além da poeira e do chão e entendi que ali estava o destino do Brasil”, reflete. (MS)

* Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado

**Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense**



Enquanto na 308 Sul, o modelo do projeto urbanístico de Lúcio Costa une educação, lazer e convivência em um mesmo espaço, na 312 Norte, quem veio para a capital do país encontra a vida interiorana, com um cotidiano que resiste ao tempo

A Brasília que acontece **entre quadras**

» PAULO GONTIJO

Brasília não nasceu com lembranças, elas foram sendo construídas, pouco a pouco, nos corredores dos blocos, nas sombras dos pilotis e na busca de uma cidade dos sonhos. No aniversário da capital, é nas superquadras que essa memória ganha forma mais nítida. E poucas contam essa história tão bem quanto a 308 Sul e 312 Norte, duas faces de uma mesma cidade: uma feita de ideias que resistem ao tempo, enquanto a outra de encontros.

A 308 Sul também está impressa no próprio desenho da quadra. Inaugurada oficialmente em 1962, a superquadra é considerada o exemplo mais fiel do projeto urbanístico de Lúcio Costa, uma espécie de resumo do que Brasília sonhou ser.

Conhecida como “quadra modelo”, a 308 Sul integra o conceito de unidade de vizinhança, pensado para reunir moradia, educação, lazer e convivência em um mesmo espaço. Ao lado das quadras vizinhas, forma um conjunto onde tudo foi planejado para funcionar em escala humana.

Ali, os edifícios não são protagonistas, são pano de fundo. Entre eles, o verde se impõe, e os azulejos de Athos Bulcão dão identidade aos espaços.

Para o prefeito da quadra, Mathews Seco, arquiteto de formação, viver na 308 Sul é experimentar, na prática, um conceito que atravessou décadas. “A ideia do chão livre permite que as pessoas circulem sem barreiras. É um espaço fluido, pensado para ser público”, explica.

Mais do que arquitetura, ele destaca a permanência de um modo de vida. “O espírito de vizinhança existe. As pessoas usam os espaços, as crianças vão para a escola a pé, o comércio está próximo. É uma vida que ainda funciona como foi imaginada”, afirma.

A quadra também se destaca pelo nível de preservação. Grande parte do projeto original segue intacto, resultado de um esforço coletivo entre moradores e instituições. “Existe uma consciência de que isso aqui é patrimônio. Não só de quem mora, mas da cidade e até do país”, diz.

Ao caminhar pela 308 Sul, não é raro encontrar visitantes, brasileiros e estrangeiros, interessados em ver de perto o que tornou Brasília um marco da arquitetura moderna. Mas, para quem vive ali, o valor vai além do reconhecimento. Está no cotidiano.

“Essa quadra foi pensada para as pessoas. E, de certa forma, ainda funciona assim”, resume o prefeito.

A 312 Norte

A quadra 312 Norte, considerada a mais antiga da Asa Norte, foi ocupada em 1966, quando Brasília ainda era uma promessa. Cercada por terra vermelha, começava a receber seus primeiros moradores em edifícios que, para

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Laguinho das carpas completa o ambiente bucólico da 308 Sul

Paulo Gontijo / CB



Gabriela encontrou um pedaço da cidade natal na quadra

a época, pareciam imensos. Blocos com até 96 apartamentos surgiam como ilhas de concreto em meio a um território em formação, desenhando o início de uma comunidade.

Com 11 blocos residenciais e uma comercial que atravessa o cotidiano de quem mora, trabalha ou apenas passa por ali, a quadra cresceu com a cidade. Foi se transformando em algo que vai além de um endereço.

Para quem chega hoje, essa história ainda é perceptível, mesmo que de forma sutil. A pesquisadora Gabriela Madureira, de 34 anos, mudou-se em outubro de 2025 para a quadra e encontrou ali um ritmo que contrasta com a ideia comum de uma capital acelerada. “A gente veio de uma cidade do interior de Minas Gerais e achou que sentiria muito o impacto. Mas aqui não. É tranquilo, arborizado... tem esse clima de cidade pequena”, conta.

A escolha pela região foi prática, mas o vínculo veio rápido. “A gente olhou vários lugares, mas aqui chamou atenção. É tudo muito organizado. No começo parece confuso, mas depois você percebe que tudo faz sentido”, diz, referindo-se ao traçado planejado da cidade.

No dia a dia, a 312 oferece o que muitas metrópoles perderam: tempo e espaço. “Eu consigo passear com meu cachorro, fazer minhas atividades sozinha. É um lugar que passa tranquilidade. E eu gosto de ver as crianças andando, brincando... isso diz muito sobre o lugar”, afirma.

Essa sensação, que para Gabriela é descoberta, para outros é permanência. Morador desde 1979, o advogado Edilberto Mourão, de 69 anos, viu a quadra se transformar, sem deixar de ser, em essência, a mesma. “Aqui sempre teve uma convivência muito parecida com

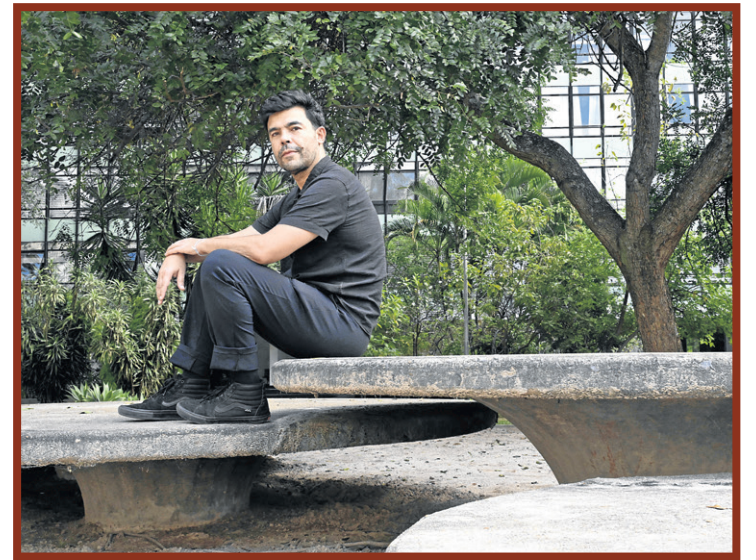
cidade do interior. Muita gente veio de fora, principalmente do Nordeste, e trouxe esse jeito mais próximo de viver. Isso ficou”, relembra.

Ao longo das décadas, ele viu vizinhos chegarem, ficarem, formarem famílias e permanecerem. “Tem gente que casou aqui, teve filho aqui, criou os filhos aqui... e hoje os netos estão fazendo o mesmo caminho. É como se fosse uma grande família”, diz.

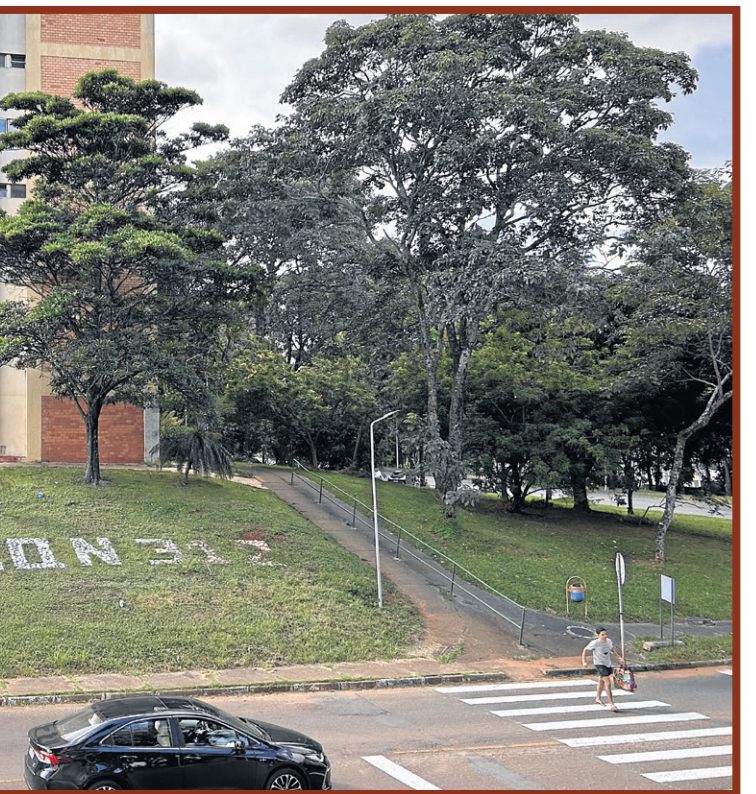
A mudança mais visível, segundo ele, veio com o crescimento da cidade. “Naquela época quase não tinha carro. Hoje é difícil achar vaga na quadra. A segurança também mudou. Mas a convivência, de certa forma, ainda resiste”, avalia.

Mais do que transformação urbana, o que a 312 guarda é um tipo de pertencimento difícil de explicar. “Minhas raízes estão aqui. Minha história está aqui”, resume.

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



“Essa quadra foi pensada para as pessoas”, diz o prefeito da 308 Sul



A mais antiga da Asa Norte é cenário de passeio e encontros entre os moradores

Um olhar especializado

A lógica por trás dessa experiência cotidiana ajuda a explicar por que as superquadras ainda despertam pertencimento. Para o urbanista Ricardo Meira, Brasília representa uma das expressões mais completas do urbanismo moderno. “A superquadra não foi uma invenção do zero. Ela parte da ideia de unidade de vizinhança, mas a reconfigura para conciliar a escala monumental da cidade com uma escala mais íntima, do cotidiano”, explica.

O grande diferencial está no desenho que induz a convivência. “Ao implantar os blocos em projeções e manter os pilotis livres, cada superquadra se transforma em um espaço público contínuo. Isso incentiva a interação social e cria uma experiência coletiva do morar”, afirma.

É nas superquadras que Brasília revela sua dimensão mais humana. “É aqui que a cidade deixa de ser símbolo e se torna lugar. O pertencimento não é espontâneo, ele é construído pela repetição das experiências: o caminho a pé, a criança que cresce ali, o comércio do dia a dia. Isso cria memória e identidade”, diz.

Entre a 312 Norte e a 308 Sul, Brasília se revela em duas dimensões que se completam. De um lado, a cidade vívida, feita de histórias, encontros e afetos. Do outro, a cidade pensada, desenhada com rigor, intenção e sonho.



Meu encontro com Brasília

» MARIA LÚCIA VERDI

Dos pampas ao Cerrado

Saí de um Porto Alegre, de uma pequena rua sem saída chamada Nossa Senhora Medianeira. Nela viviam meus avós paternos, e avó materna, tias, tios; primas e primos. Eu visitava todos os vizinhos, especialmente os idosos, pois adorava ouvir histórias e ver fotografias. Estudava numa escola só de meninas, criada por freiras agostinianas. Estava namorando o irmão de minha melhor amiga, apaixonada pela sua irreverência típica da geração 70, quando meu pai trouxe a notícia de que nos transferiríamos para Brasília no meio do ano.

Brasília, em 1971, foi um susto. Espaços abertos numa dimensão pampeana, mas não havia coxilhas, a terra era vermelha, o céu era quase amedrontador e eu não

podia esconder minha melancolia. Tudo estava sendo construído, a sensação era de uma exposição contínua, uma impossibilidade de demarcar território, restringir o olhar, aconchegar-se.

Comecei a estudar no Pré-universitário, colégio misto, avançado, adolescentes de todo o Brasil desfilarão à minha frente. Sentia falta das professoras de literatura, filosofia, sociologia e história; desorientada, me enturmei com pessoas que me fizeram sofrer. Foi quando conheci, na quadra, gente especial, amigos até hoje, que me apresentaram os poucos, mas estimulantes, espaços culturais da cidade. Tudo mudou graças às artes! Em 1974, ao entrar para a UnB conheci o grupo do Geraldo Moraes e participei da primeira peça montada nos tempos áridos da ditadura; com Maria Coeli e outros, recitávamos poemas e cantávamos músicas, pacíficos atos de resistência. Fui aluna de Cyro dos Anjos, Cassiano Nunes, Domingos Carvalho e

Leticia Verdi/Divulgação



Silva, Oswaldino Marques, Antônio Salles e outros. Cassiano estava na minha banca de mestrado, com dissertação sobre Samuel Rawet, renovador do conto brasileiro e instigante prosador; Oswaldino Marques prefaciou meu livro *Falas*, editado pela saudosa Bric-à-Brac. Pesquisando nas Obras Raras da biblioteca da UnB encontrei poema erótico de Manuel Bandeira, o

grande e senzala, aprender a dominar códigos complexos. Desafio atrás de desafio, cheguei a dirigir o Centro de Estudos Brasileiros da embaixada em Roma e chefear o Setor Cultural da embaixada em Pequim, experiências transformadoras.

Brasília foi a minha iniciação na vida adulta, aqui tive meus filhos Leticia e Marcus. A cidade natal ficou na memória dos

afetos, me sinto brasiliense; os espaços, o céu, o jardim no qual se transformou a cidade, passaram a me acolher, a me acompanhar neste belo bioma do Cerrado. Visito as grandes metrópoles, com suas selvas de pedra e suas ofertas culturais tentadoras, sem me identificar com o ritmo, a poluição, o barulho, a quantidade de gente, a falta de abertura acima da minha cabeça, que dela necessita.

Como tantos da minha geração, participei dos concertos Cabeças (salve, Neio Lúcio!), escrutei o céu em busca de ovnis, curti as Cavalhadas de Pirenópolis, me deslumbrei com a Chapada — tudo isso é parte do viver na capital. Não canso de observar, por onde caminho, as árvores, as plantas e flores, as aves, os poemas e desabafos espalhados pelas passagens de pedestres e pelos eixinhos. Espero, torço, que Brasília resista às elites dirigentes, o Brasil merece.

Maria Lúcia Verdi é poeta

ONE SCHOOL

ESCOLA BILÍNGUE DA CASA THOMAS JEFFERSON

Educação Infantil & Ensino Fundamental

Com raízes na **Casa Thomas Jefferson** e um currículo bilíngue que une rigor acadêmico e o prazer em aprender, a ONE School acredita que cada criança é única e merece uma educação à altura dessa singularidade. **Pioneira em Brasília na adoção do Ateliê inspirado na pedagogia de Reggio Emilia**, a escola forma estudantes que investigam, criam e se reconhecem como protagonistas do próprio percurso, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Neste ano em que a capital completa 66 anos, a ONE School celebra junto: afinal, as duas sabem que construir algo que dure exige visão, coragem e a certeza de que uma boa ideia pode mudar tudo ao redor.



VENHA NOS CONHECER



SHIS QI 9, LAGO SUL



@ONESCHOOL.BR



(61) 3774-5800



ONESCHOOL.ORG.BR

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



A degradação do bioma, que pode chegar a 90% do original, ameaça o abastecimento de água e a qualidade de vida na capital, exigindo políticas públicas eficazes, avalia César Victor, colaborador da Fundação Pró-Natureza (Funatura)

Na luta pela defesa do Cerrado

» CARLOS SILVA

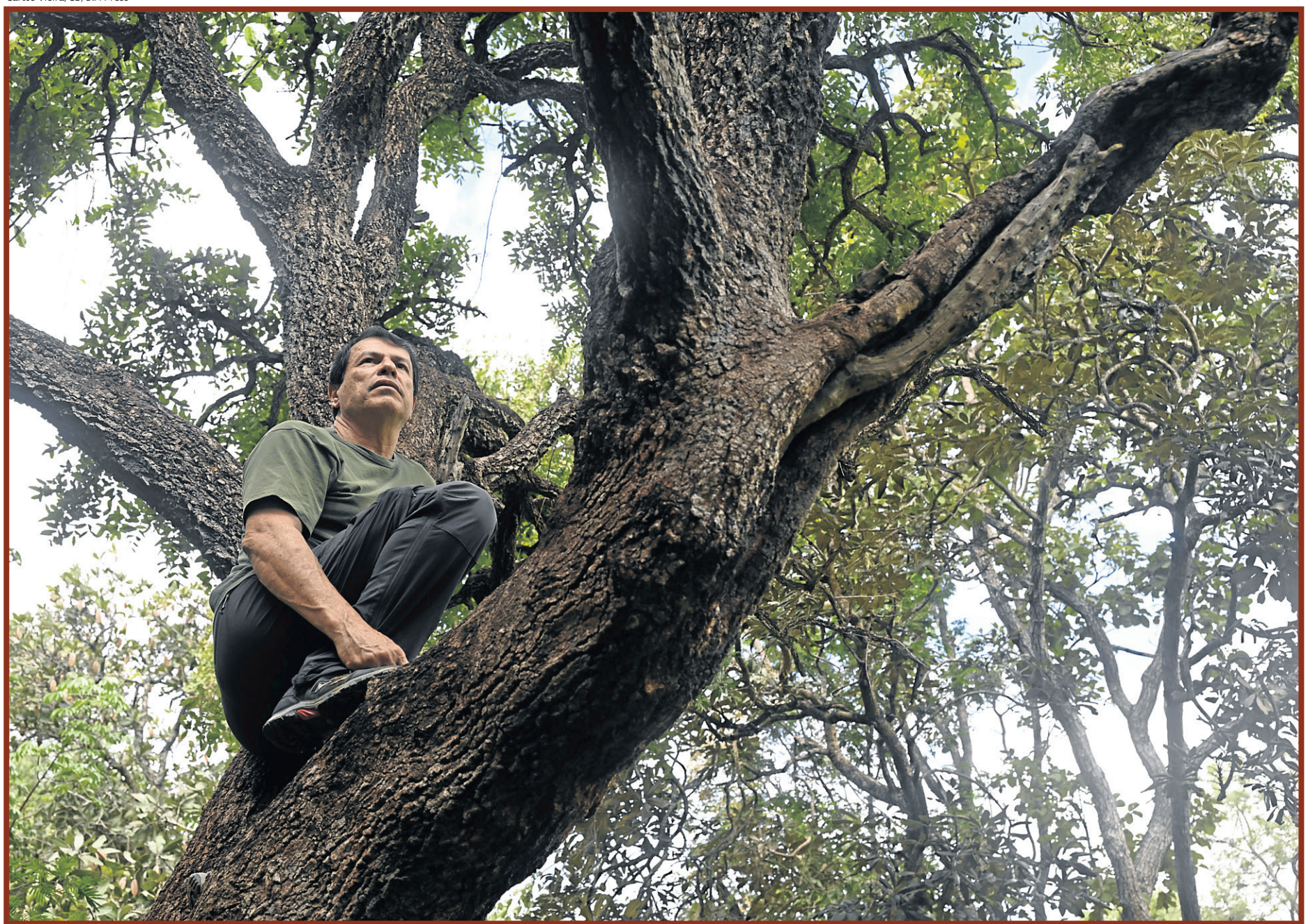
Carlos Vieira/CB/D.A Press

No coração do Brasil, onde o Cerrado se estende como a savana mais rica em biodiversidade do planeta, a preservação ambiental deixou de ser apenas uma pauta ecológica para se tornar uma questão de sobrevivência. Apesar dessa relevância, o avanço da urbanização e da agropecuária tem imposto pressões crescentes. Estimativas apontam que entre 50% e 80% da cobertura original do Cerrado já foi degradada ou convertida para uso humano, enquanto menos de 4,5% da área está protegida por unidades de conservação. Essa contínua fragmentação de habitats compromete não apenas fauna e flora, mas até mesmo a vida urbana na capital.

É nesse contexto que vozes como a de César Victor ganham volume, ao chamar atenção para a relação direta entre conservação da vegetação nativa, segurança hídrica e qualidade de vida no Distrito Federal. Segundo o engenheiro florestal e colaborador da Fundação Pró-Natureza (Funatura), o bioma é conhecido como “berço das águas” justamente por concentrar nascentes de importantes bacias hidrográficas brasileiras. “Em um território pequeno, temos nascentes que alimentam três grandes bacias: a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná”, afirma.

O especialista ressalta que essa riqueza, no entanto, está sob constante ameaça. Para ele, o principal problema é a ocupação desordenada do território. “A expansão urbana, muitas vezes em áreas impróprias, tem provocado o desmatamento, comprometimento de nascentes e até o desaparecimento de veredas”, diz. “Essa ocupação irregular é a grande causa da perda de qualidade ambiental no Distrito Federal.”

Além das pressões locais, César Victor aponta que o Cerrado sofre com uma desvalorização histórica em comparação a outros biomas. “Existe uma percepção equivocada de que o Cerrado é menos importante que a Amazônia, o que não é verdade”, critica. “O Cerrado é riquíssimo em biodiversidade, em água e em carbono. Ainda assim, as políticas públicas permitem níveis muito maiores de desmatamento aqui.” Segundo ele, esse cenário é agravado por incentivos econômicos. “Nós acabamos incentivando o desmatamento por meio de políticas voltadas ao agrogênio e à mineração. Em muitos casos, isso é legalizado.”



César Victor chama a atenção para a relação direta entre conservação da vegetação nativa, segurança hídrica e qualidade de vida no Distrito Federal



Em um território pequeno, temos nascentes que alimentam três grandes bacias: a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná

César Victor, engenheiro florestal e colaborador da Fundação Pró-Natureza

A relação entre a conservação ambiental e a segurança da população também é destacada pelo engenheiro. “Preservar o Cerrado é proteger áreas de recarga de aquíferos, nascentes e veredas. Isso garante segurança hídrica para o presente e para o futuro”, afirma. Ele defende o fortalecimento de políticas públicas voltadas à criação e manutenção de unidades de conservação. “É fundamental ampliar essas áreas e garantir uma gestão eficiente.”

O cenário atual do DF já apresenta sinais de alerta, com regiões em estágio avançado de degradação. “Existem áreas com capacidade de suporte praticamente esgotada, mas que ainda recebem pressão para novos loteamentos e expansão urbana”, aponta. Para

ele, instrumentos como o zoneamento ecológico-econômico e o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (Pdot) deveriam ser respeitados com mais rigor. “O Pdot tem sido alterado de forma a permitir mais desmatamento, o que agrava o problema.”

Engajamento

César Victor também não descarta novas crises hídricas nos próximos anos. “As mudanças climáticas já estão em curso, com aumento de temperatura e irregularidade nas chuvas”, explica. “Se continuarmos com políticas que incentivam a expansão urbana sobre áreas sensíveis, a tendência é de piora. Em alguns anos, certamente enfrentaremos novas crises de abastecimento.”

Apesar dos desafios, o especialista reconhece que o DF possui uma base legal robusta para a proteção ambiental. “Temos instrumentos como o Código Florestal, o zoneamento ecológico-econômico e diversas leis voltadas à proteção dos recursos hídricos”, afirma. “O problema, muitas vezes, é a falta de vontade política e de recursos para implementar essas políticas de forma efetiva.”

Para o futuro, César Victor defende uma abordagem integrada. “Precisamos de gestão conjunta entre unidades de conservação, governo, sociedade civil e setor produtivo”, diz. “Também é essencial ampliar os investimentos em estrutura, pessoal e fiscalização.” Ele reforça que a participação da sociedade é indispensável. “Não é possível preservar o Cerrado apenas

com ações do poder público. É preciso engajamento coletivo.”

Ao projetar os próximos anos, ele faz um alerta e um apelo. “O crescimento da cidade precisa ser organizado e compatível com a preservação ambiental”, afirma. “Se não cuidarmos do Cerrado, vamos perder qualidade de vida. O Cerrado é um tesouro que ainda temos. Cabe a nós garantir que ele continue existindo para as próximas gerações.”

O especialista também destaca o vínculo afetivo e cotidiano com a cidade como elemento central para a preservação. “Brasília é a minha casa, é onde minha família vive, onde construí minha trajetória. Por isso, é fundamental que ela seja bem cuidada”, diz. “Uma cidade que não preserva suas áreas verdes perde qualidade de vida rapidamente.”

Meu encontro com Brasília

» MARCELO BERÉ

Um Beré em Brasília ou Beré do Cerrado

Meu pai, engenheiro mineiro recém-formado e recém-casado, estava trabalhando em uma firma em São Paulo e foi mandado para Paulo Afonso, na Bahia, para construção da barragem para a hidroelétrica. No canteiro de obras da usina, Carlos ficou sabendo que estavam precisando de engenheiro barragista para construção que formaria o lago artificial da nova capital. Quando chegou em casa, convenceu minha mãe que a melhor opção para eles, como jovem casal, seria uma aventura como pioneiros candangos. Não foi tarefa fácil, pois Albertina tinha deixado Pratinha, no

Triângulo Mineiro sem intenção de voltar para o interior. Em 1957, os dois já moravam na Vila dos Engenheiros no Paranoá, com a visão panorâmica do que um dia seria o lago.

Eu nasci no nove do nove de 1960, com Vênus em Libra na cúspide da primeira casa e quase que meu nome foi Gorgônio. Minha mãe era RH negativo, e como segundo filho, ela achou mais prudente me ter em BH. Com 20 dias retornamos ao Cerrado e minha relação com Brasília começou. Primeiro na Barragem do Paranoá (diz a lenda que foi meu pai que avisou ao JK que o lago tinha enchido, sem problemas na barragem) e depois no W3 Sul onde moro até hoje. Cresci vendo a cidade crescer. Corria dos graminhas e explorava a área onde hoje é o Parque da Cidade de camelo. Frequentava a escola de artes da Aliança Francesa e estudava em colégio de freiras. A infância da primeira geração de Brasília foi muito privilegiada e diferenciada. Um misto de cidade do interior e uma metrópole futurista vindo a ser. A terra vermelha e o

Alex Murphy



verde novo da grama a nascer combinado com um imenso céu azul dava os tons para criação de um espírito livre. Nessa altura eu notei que tinha duas Brasília: aquela dos que iam e viam e a outra dos que ficavam. Nós ficamos.

Adolecer na capital era um desafio, sempre acompanhado de um salto triplo mortal. Depois de perder a mãe com 12 anos, eu desbunde na vida. Era difícil me acompanhar; eu até que tentava, mas as vezes não conseguia. Explorar as cachoeiras

morrer de tédio. Inclusive se matar. Nessa, muitos grupos surgiram e muitos indivíduos desapareceram. Essas tribos urbanas se formavam quase que organicamente, onde os indivíduos iam se juntando via uma química quântica qualquer. Eu frequentava a Galeria Cabeças quando Néio teve a ideia do concerto entre quadras. Os anos de Pré-Universitário, com Dimer e Guila foram fundamentais para definição de tribo. O rock rolava não só na Colina, mas lá em casa, onde algumas

canções da Legião foram escritas. O Renato Russo falava que “antes de existir Punk em BsB tinha o Beré”, isso porque meu jeito de dançar, vestir, interagir e existir era sempre meio desajustado. Depois da passar por grupos como Músicas-à-tentativas e Trupe de Nephelibatás, encontrei no Circo Teatro Udigrudi o encaixe certo na tribo de desajustados. Quando me descobri palhaço na vida foi um alívio. Todo aquele desajustamento vivido no dia a dia encontrou lugar de voz, onde eu pude assinar e assumir o ser de espírito livre criado nos canteiros de obra da nova capital.

PS1 — Beré é o peixe mais feio do oceano, segundo um pescador gozador do Espírito Santo, minha cara.

PS2 — Graminha e camelo são expressões daquela época sendo primeiro relativo ao nome dado aos fiscais de parques e jardins e o segundo bicicleta

PS3 — @circoudigrudi e www.circoudigrudi.com.br

Marcelo Beré é ator, palhaço e integrante do grupo Udigrudi

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Após o governo colocar parte da Serrinha do Paranoá como garantia para salvar o BRB, a importância dessa área de preservação voltou ao debate e conta com a mobilização da sociedade civil para mantê-la viva

Uma joia de relevância ambiental

» MILA FERREIRA

Mais do que uma área verde de preservação ambiental, a Serrinha do Paranoá tem importância vital para a segurança hídrica do Distrito Federal. Com a sanção da Lei nº 7845/2026, que prevê medidas de capitalização do Banco de Brasília (BRB), a Gleba A da Serrinha, de 716 hectares, foi colocada entre as garantias para possíveis empréstimos solicitados pelo banco para socorro financeiro. A medida causou comoção e mobilização da sociedade, que defende a preservação da Serrinha, e trouxe à tona a relevância hídrica e ambiental desse tesouro do Cerrado. No dia 1º de abril, a governadora Celina Leão (PP) anunciou que iria retirar a Serrinha da lista dos imóveis destinados à capitalização do BRB.

Localizada entre a Região Administrativa (RA) do Varjão e a barragem do Paranoá, a Serrinha do Paranoá conta, no total, com 12.431 hectares e 119 nascentes mapeadas, abastecendo grande parte da região norte do Distrito Federal. A estação de captação de água para abastecimento, criada para ser provisória na época do racionamento de 2017, tornou-se permanente e foi duplicada em 2025.

“A relevância estratégica da Serrinha do Paranoá para o Distrito Federal também está na sua configuração geomorfológica singular. Situada em uma área de topo de chapada, a região atua como um divisor

natural de águas, cuja estrutura geológica é responsável por captar, armazenar e distribuir o fluxo hídrico para as regiões adjacentes”, explica Lúcia Mendes, diretora da Associação Preserva Serrinha e coordenadora do Fórum de Defesa das Águas, do Clima e Meio Ambiente do DF.

A defesa da Serrinha feita pela Associação Preserva Serrinha é a soma das lutas de moradores das diversas comunidades que vivem na região. “A força desse coletivo não é pequena. Foi aqui, irmanada nessa luta em defesa da terra e das águas da Serrinha, que compreendi Chico Mendes. Quando ele disse que, no início, achava que luta era pra salvar uma seringueira, depois percebeu que era pra salvar uma floresta e ao final compreendeu que lutava para salvar a humanidade”, lembrou.

As nascentes da região alimentam todos os córregos, como o Urubu, Jervivá, Palha e Tamanduá, responsáveis pela manutenção da vazão de base do Lago Paranoá, mesmo em períodos de seca extrema. “Comprometer a região da Serrinha do Paranoá é, na prática, reduzir a vida útil e a capacidade de entrega de água potável para a população do DF, tornando o sistema de abastecimento novamente vulnerável a colapsos em períodos de estiagem ou de eventos extremos”, alerta Lúcia.

Parque

No último dia 7 de abril, o Governo do Distrito Federal (GDF) criou, por meio do Decreto nº 48.461, o

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



A atuação da Associação Preserva Serrinha é a soma das lutas de moradores de diversas comunidades

Parque Distrital da Serrinha. O Parque tem uma área de 65,91 hectares e mais uma zona de amortecimento, dividida em quatro frações, que somam 607,27 hectares. A criação do parque causou polêmica entre ambientalistas e sociedade civil, uma vez que a governadora anunciou a

criação do parque para proteger a Gleba A, mas a área delimitada para o parque não inclui a área da Gleba.

O debate e mobilização social em torno da preservação da Serrinha acendeu o alerta para a importância da conscientização ambiental entre a população do DF.

“Espero que os brasilienses, de todas as idades, se envolvam mais nos assuntos da cidade. Que conheçam o território onde moramos. Ninguém protege o que não conhece”, defendeu Lúcia Mendes. “Não podemos seguir permitindo que decisões estratégicas e que impactam



Espero que os brasilienses, de todas as idades, se envolvam mais nos assuntos da cidade. Que conheçam o território onde moramos. Ninguém protege o que não conhece”

Lúcia Mendes, diretora da Associação Preserva Serrinha e coordenadora do Fórum de Defesa das Águas, do Clima e Meio Ambiente do DF

fortemente o futuro e a qualidade de vida sigam sendo tomadas por alguns setores sem a massiva participação da população”, acrescentou.

“A Serrinha do Paranoá é um ativo ambiental estratégico e insubstituível para o Distrito Federal. Sua relevância vai além da biodiversidade e conectividade da paisagem, sendo também crítica para a segurança hídrica e resiliência climática da capital”, conclui a presidente da associação.

Faculdade Presbiteriana
Mackenzie
Brasília

BRASÍLIA FAZ 66 ANOS

O SEU FUTURO NO MACKENZIE FAZ HISTÓRIA.

Uma capital construída sobre ideais e decisões precisa de líderes preparados para o futuro. Na Faculdade Mackenzie Brasília, unimos a credibilidade de uma instituição centenária à energia de uma cidade que nunca para de se transformar.

Da graduação à pós-graduação, preparamos quem decide. Para quem busca resultados reais e valores sólidos.

CONHEÇA O CAMPUS NO
CORAÇÃO DE BRASÍLIA (902 SUL) mackenzie.br/faculdades/brasilia

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Localizado no coração do Plano Piloto, o Sesi Lab produz conhecimento, inovação e experiências, contribuindo para a construção de um novo futuro para a capital federal. Desde que foi criado, em 2022, recebeu mais de 691 mil pessoas

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O mundo precisa de pessoas capazes de conectar áreas diferentes e transformar ideias em soluções reais. Brasília tem uma vocação única para isso, pois é uma cidade que nasceu de um sonho coletivo. Aproveitem esse legado e construam novas possibilidades a partir dele!

Cláudia Ramalho,
superintendente de
Cultura do Sesi

Memória que se **converte** em futuro

» LETÍCIA MOUHAMAD

Há dez anos, quem transitava nas vias próximas à Rodoviária do Plano Piloto se deparava com o edifício vizinho entregue à própria sorte. O antigo Touring Club estava maltratado pelo tempo e à mercê da criminalidade. Em novembro de 2022, porém, veio a guinada. A obra projetada por Oscar Niemeyer ressurgiu do cinza para colorir o cruzamento dos Eixos de Brasília. Ali, nasceu o Sesi Lab, um corredor cultural, tecnológico, científico e artístico pronto para transmitir conhecimento e, por que não, ajudar a construir um novo futuro para a capital.

“O antigo Touring passou a abrigar um ambiente de produção de conhecimento, inovação e experiências, no qual cultura, educação e tecnologia se articulam

como vetores de desenvolvimento, em diálogo direto com os desafios da indústria, especialmente nas agendas de inovação, criatividade e formação de novas competências”, destaca Cláudia Ramalho, superintendente de Cultura do Sesi e uma das lideranças por trás do museu. “Mais do que reocupar um edifício, estruturamos um ecossistema vivo, capaz de gerar valor simbólico, social e econômico”, acrescenta.

No coração do Plano Piloto, a presença constante de programação, parcerias, formação e experimentação cria oportunidades para profissionais criativos, educadores, artistas e empreendedores. “Há algo profundamente potente e emocionante em ver um patrimônio da cidade se transformar em um espaço onde ideias circulam, conexões acontecem e a economia criativa se materializa no cotidiano. É a

cidade produzindo futuro a partir da sua própria identidade”, completa Cláudia.

Ponto de virada

A localização do Sesi Lab, por onde todos os dias circulam pessoas de diferentes realidades, é estratégica. “Ao mesmo tempo em que permite dialogar com a diversidade da cidade, impõe o desafio de romper as barreiras simbólicas que ainda afastam parte da população — especialmente do Entorno — dos equipamentos culturais”, observa a superintendente. Por isso, o Sesi Lab não se limita ao seu espaço físico, e promove ações itinerantes, parcerias com escolas e criação de uma programação dinâmica, pensada para variados públicos, repertórios e formas de acesso.

“Nossa missão é democratizar o conhecimento e aproximar as

pessoas da ciência, arte e tecnologia. Afinal, Brasília é mais do que um território: é uma ideia em permanente construção, marcada também por contrastes e distâncias, muitas vezes invisíveis”, avalia Cláudia. O ponto de virada para o sucesso aconteceu quando o local deixou de ser percebido apenas como um museu e passou a ser vivido como um espaço da cidade, integrado ao seu fluxo, à sua diversidade e ao seu cotidiano. Ali, passaram a ser construídas experiências plurais.

Por mês, cerca de 17 mil visitantes passam pelo museu e, desde seu funcionamento, o espaço já recebeu 691 mil pessoas. Cláudia Ramalho, especialista em gestão cultural, lembra que a programação qualificada, acessível e diversa do espaço ajuda a transformar a percepção sobre o Setor Cultural Sul e a Rodoviária. “O Sesi Lab é um

espaço vivo, que reflete a potência da capital e a pluralidade da sua população, consolidando-se como um ícone do novo ‘viver Brasília’: um lugar onde cultura, convivência e cidade se encontram de forma orgânica e transformadora”, resume.

Ousadia e inovação

A expectativa é de que, no futuro, o Sesi Lab seja reconhecido como um hub consolidado de inovação cultural e educacional no Brasil, conectando cultura, educação e indústria em uma agenda integrada de desenvolvimento, conforme pontua a superintendente de Cultura. O objetivo é transformar o espaço em uma plataforma de experiências, irradiando conhecimento para escolas, cidades e outros equipamentos culturais.

Para a nova geração de jovens criativos e curiosos da

capital, o conselho de Cláudia é experimentar. “O mundo precisa de pessoas capazes de conectar áreas diferentes e transformar ideias em soluções reais. Brasília tem uma vocação única para isso, pois é uma cidade que nasceu de um sonho coletivo. Aproveitem esse legado e construam novas possibilidades a partir dele”, orienta.

É, diante de uma arquitetura que traduz a ideia de futuro, ousadia e liberdade criativa, é no território do antigo edifício Touring que oficinas, mostras e eventos estimulam a imaginação e propõem novas formas de ver o mundo. “Assim como Niemeyer, acreditamos que o futuro se constrói com coragem para inovar. No Sesi Lab, mantemos viva a ideia de uma cidade que olha para frente, que experimenta e que se reinventa”, afirma Cláudia.

Meu encontro com Brasília

» CLARICE GONÇALVES

Brasiliências

Como muitos “brasilienses”, sou neta de nordestinos que vieram construir a cidade. As aspas na brasiliência se dão pela forma com que, historicamente, a cidade segregou e segregou os trabalhadores que a dão vida, diariamente, nos lembrando que não somos tão brasilienses assim, já que moramos nos arredores do Plano Piloto, mas distante de sua arquitetura mundialmente reconhecida e tombada, de sua arborização invejável e equipamentos culturais e transporte público funcional.

Para nós, dos arredores, o deslocamento para acessar a cidade maravilhosa é um dreno de tempo e recursos. O ápice da minha frequência ao Plano Piloto foi durante os anos de faculdade, ainda adolescente, dos 17 aos 20 e poucos anos, estudante de artes visuais da Unb em 2003. Naquela época, ainda não havia o metrôzinho de Brasília, e passava

muitas horas do meu dia e da vida entre esperas em paradas de ônibus e dentro de ônibus lotados, carregando materiais de arte, tintas, telas...

Era um chá de revelação de classe social chegar na UnB e ver meus colegas que moravam ali nas proximidades chegando de carro próprio. Assim que fui me alfabetizando de Brasília e suas siglas, W3, L2... Fui com os anos mapeando memórias afetivas nos seus gramados verdejantes e arquitetura concreta, decorando suas tesourinhas e setores de diversão.

É gostoso frequentar o Plano e revisitar fases da minha vida, da minha carreira, vidas ali, lugares que fiz exposições, restaurantes, árvores de estimulação! Infelizmente, não posso dizer o mesmo da cidade onde moro e onde cresci, Taguatinga, que a cada ano muda radicalmente: a arborização dentro da cidade é quase ausente, casas “antigas” são derrubadas e dão lugar a edifícios, altos, não os simpáticos blocos das asas do plano, que se mantêm baixos para respirarmos o céu. Parquinhos e praças, aqui,

Arquivo pessoal



somem, enferrujam, viram estacionamento.

Espaços culturais, como o finado Teatro da Praça onde fiz minhas primeiras apresentações em dança, segue fechado a anos! Onde tinha cinema, virou igreja. Onde tinha clube (Primavera) a especulação imobiliária engoliu. O Clube dos 200, virou igreja também, assim como a antiga escola onde terminei o ensino médio. O centro que era miniramente arborizado e pulsante, agora torra em concreto, grades e muito, muito

também e dos arredores saibam escolher quem governe com senso de coletividade, pensando no futuro dos nossos filhos e netos, que realmente cuidem das cidades e do bem-estar de quem vive e faz viver o plano piloto, que o transporte público, saúde e educação sejam prioridade, e não só a politicagem das empreiteiras de viadutos. O DF é, mais que tudo, o Cerrado.

O Cerrado é, para mim, uma grande avó, que me nutre profundamente com suas

engarrafamento. A Flona, que frequentava desde a adolescência, agora tem que pagar caro pra entrar.

Eu amo Brasília, só queria que seus arredores recebessem o mesmo cuidado dos governos. Que o brasiliense do Plano Piloto e

estações afiadas, sua vegetação rebelde e seus sabores pungentes. É onde me deleito com araticum, pequi, buriti e ainda consigo ter acesso a um bom açaí, acarajé, feijão verde e manteiga da terra. Essa centralidade e multiplicidade que Brasília é e proporciona, são para mim, de uma riqueza gigantesca e impagável e vem de quem a construiu, a sua cultura, seus sabores e costumes, o Brasil inteiro está aqui, e isso é o que me faz e me fez permanecer nesse solo, mesmo com melhores oportunidades para minha carreira em outros estados.

Nem falar de nossas águas. Com tantos ataques ao bem comum e ao meio ambiente, me sinto na obrigação de usar meu talento para trazer reflexão e proteger nossos biomas. Que essa jovem Brasília daqui aos próximos aniversários se lembre que sua brasiliência é muito, muito mais do que o Plano Piloto, é Cerrado preservado e é também as cidades satélites e seu povo diverso a constelar esse planalto!

Clarice Gonçalves é artista plástica

Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense



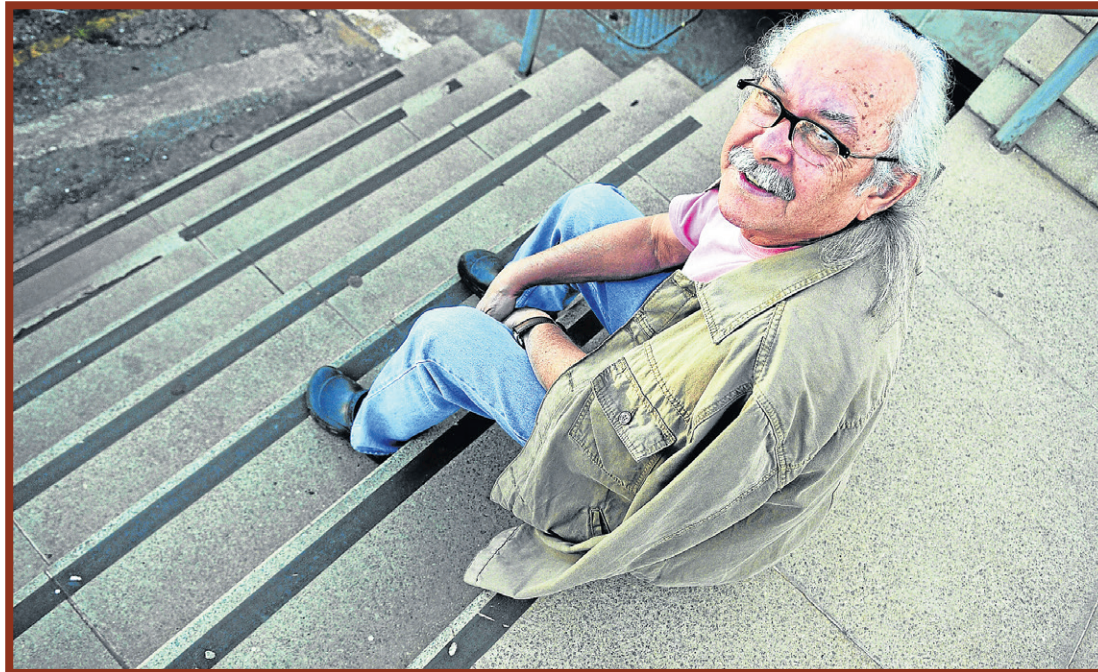
» Entrevista / CLIMÉRIO FERREIRA

A sensibilidade poética de Climério Ferreira transcende a música e a literatura, circular por entre quadras e superquadras da cidade, como uma brisa perfumada de gratidão e de orgulho pela capital do país

"Morar no Plano é uma dádiva"

» JOSÉ CARLOS VIEIRA

Rafael Ohana/CB/D.A Press



Climério Ferreira representa a mistura cultural de uma Brasília encantada, dos anos 1960/70. Nascido em Angical (PI) em março de 1943, esse contemporâneo de Torquato Neto desceu de um avião para se estabelecer na Capital da Esperança, onde enveredou pela vida acadêmica, iniciada na Universidade de Brasília (UnB), aos 18 anos. Integrante do icônico trio Clodo, Climério e Clésio, ele percebe uma Brasília perfumada de utopia. Jornalista, professor e poeta, foi, durante cinco anos, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos (SP), foi um destacado professor da UnB por quase três décadas. Ao *Correio*, fala de poesia, de música e de Brasília... Agora, prevê para maio o lançamento de mais um livro de poemas. Ao *Correio*, escreveu o inédito *Beirute*. Evoé, Climério Ferreira!

Em entrevista ao Correio, você disse "estava nas nuvens quando vi Brasília" — quando chegou de avião à capital. Como foi essa experiência de encontrar a cidade que seria sua casa?

No primeiro voo de avião, vindo de Teresina para Brasília,

morrendo de medo, pude ver de onde estava entre nuvens, um projeto revolucionário de planejamento urbano pousado no solo do interior goiano. E eu, vindo de uma cidade planejada em quadriculado, ainda não atinava que tipo de cidade poderia nascer do que eu via pousado no chão lá da janela do avião. Dalí nasceu Brasília, com seu Plano Piloto e suas asas Norte e Sul, suas Quadras e Superquadras. A partir dos últimos anos

da década de 1960, essa cidade me habita até hoje. Penso que é dádiva morar no Plano Piloto e tomar café da manhã, olhando o verde, ouvindo o canto dos pássaros, andando à pé na minha quadra, fazendo amizades e, no meu caso, evitando reuniões de condomínio.

Qual a importância de Brasília na sua carreira de professor e artista?

A cidade me permite pensar e

levar um tipo de vida que as cidades não permitem mais. Eu estou sempre imaginando poemas, letras de músicas. Acho que a cidade tem tudo a ver com isso.

Ednardo escreveu *Serenata pra Brasília* na época em que vocês eram parceiros. Qual era a sedução de Brasília para esses rapazes que vinham do Norte?

Um amigo baiano, do tempo do mestrado do Inpe (Instituto

Nacional de Pesquisas Espaciais), dizia que Brasília seria a minha cidade. Aqui eu viveria num lugar mais parecido com o futuro dos meus sonhos. Na verdade, é a cidade em que todos os rapazes e moças nordestinos criativos e sonhadores se sentem em casa em Brasília. Como disse Clodo numa música que fez pra Brasília: "Tu não tens dono, nasceste sol, tens teus satélites constantes, teus inconstantes habitantes". No Nordeste, as cidades têm donos, que são as famílias que se revessam no poder. E rapazes e moças não são dessas famílias. Em Brasília, vivemos nos nossos setores sem que os outros saibam. E isso é bom.

Clodo, Climério e Clésio formaram um dos mais icônicos trios da MPB, com sucessos em todo o país. Como é onde eram os show em Brasília?

Os nossos shows eram lotados, e todos sabiam as letras das canções e demonstravam gostar delas. Eram "clássicos". Muitos dos nossos amigos tornaram-se famosos e continuaram gostando das nossas músicas.

Ainda há poesia para fazer em Brasília? O encantamento persiste?

A poesia vem de tudo, até dos pilotos.

Poema

BEIRUTE

Por mais que o querer refugue
Por mais que o desejo lute
Faço tesoura em Brasília
E vou parar no Beirute
Mesmo em total solidão
Acompanhado ou não
Quase perdido em Brasília
Eu vou parar no Beirute
Aqui o céu é tamanho
Que serve a qualquer desfrute
Há noite pra todo gosto
A minha é lá no Beirute
Há em cada apartamento
Do imenso Plano Piloto
Uma promessa de encontro
Do qual o querer se nutre
Nos pilotis ao relento
Ou no cerrado absorto
No horizonte de encanto
Ou no planar de um abutre
A eternidade é um momento
Desse instante transposto
Na fina linha de um lustre
Pois aqui tudo é invento
Tem sonho certo e torto
Tem canto, tem acalanto
Meu canto é no Beirute
Lá reinvento o cinema
Lá eu refaço o teatro
Lá eu fabrico um poema
No maior anonimato

Climério Ferreira

BRASÍLIA 66 anos

A cidade nasceu de um sonho audacioso e se tornou a nossa casa. Temos Brasília até no nome: **CONBRAL CONSTRUTORA BRASÍLIA**. Participar do crescimento deste projeto magnânimo não é apenas um trabalho; é uma honra que carregamos em cada traço e em cada estrutura de concreto erguida.

Neste **21 de abril**, celebramos a cidade que nos ensinou a olhar para o horizonte com coragem.

Parabéns Brasília, pelos seus 66 anos de história, luz e arquitetura única. Temos orgulho de construir o futuro junto com você!

CONBRAL

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Reco do Bandolim e o filho Henrique Neto carregam a missão de manter o gênero musical vivo na capital do país e transformar o Clube do Choro numa referência nacional entre os instrumentistas e cantores

Chorinho com **suingue candango**

» MARIANA REGINATO

Carlos Vieira/CB/D.A. Press

A pesar de ser chamada de capital do rock, Brasília sempre foi conhecida como a capital do choro. Um dos grandes responsáveis pelo surgimento do interesse no ritmo na cidade é Reco do Bandolim, fundador da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, a primeira no gênero em todo o país, e presidente do Clube do Choro.

Reco chegou à capital em 1963 quando o pai, deputado estadual na Bahia, se tornou deputado federal. Logo depois, com o golpe militar, o trabalho do pai foi muito perseguido e Reco conta que cresceu nesse ambiente de tensão. “A gente via a Universidade de Brasília (UnB) nascendo com aquele espírito de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, um projeto de Oscar Niemeyer, Lucio Costa. Havia um projeto extraordinário para essa cidade, era um negócio exuberante. Mas, em seguida, veio esse golpe militar e os militares acharam que aquilo era uma coisa perigosa e acabaram com tudo. Nós crescemos nesse ambiente”, descreve.

Nos anos 1970, ele tocava guitarra na banda Carência Afetiva, que tinha com o irmão, e era conhecido como Jimmy Reco, por tocar todo o repertório de Jimmy Hendrix. “Essa febre da guitarra veio de Woodstock, era uma forma de protesto”, comenta. O choro apareceu na sua vida numa viagem para a Bahia, em 1972, quando em um show de Moraes Moreira, integrante dos Novos Baianos, ouviu a canção Noites Cariocas, de Jacob do Bandolim. “Eu, um jovem morando na capital da República, nunca tinha ouvido falar em choro. Eu fiquei paralisado e, quando cheguei em Brasília, comecei a procurar em todas as escolas de música e nenhuma contemplava o choro”, conta.

Manifestação

A partir desse momento, Reco começou a ouvir choro e a tocar bandolim por contra própria. Buscava uma maneira de trazer a manifestação musical tipicamente carioca para a capital. “Quando a gente começou com as atividades do Clube do Choro, eu me lembro que era uma casa que recebia pessoas muito mais velhas, não tinha jovem nenhum e eu comecei a pensar numa maneira de seduzir a juventude, porque achei injusto que os jovens não tomassem conhecimento desse gênero tão especial e não tivessem acesso a essa riqueza”, explica Reco. Para isso, criou o projeto Caído no choro



Reco do Bandolim e o filho, Henrique Neto: quando a nova e a velha geração se encontram para falar de música



Eu, um jovem morando na capital da República, nunca tinha ouvido falar em choro. Eu fiquei paralisado”

Reco do Bandolim, um dos fundadores do Clube do Choro

e chamou Pepeu Gomes, integrante dos Novos Baianos, para tocar bandolim na cidade.

“Botamos um anúncio bem grande escrito: Pepeu Gomes cai no Choro. Veio a juventude, gente da UnB querendo ver ele tocar guitarra, mas quando chegaram, viram o Pepeu com aquele cabelo, tocando o bandolim. Eu fiquei

olhando para a fisionomia da juventude, as pessoas estavam apaixonadas por aquilo que estavam vendo”, relembra Reco.

Desde então, Reco conseguiu disseminar o choro não só na capital, mas dentro de casa. Henrique Neto, filho de Reco, é atualmente o diretor da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello e toca violão de sete cordas. “Eu sempre recebi Dominginhos, Moraes Moreira, Hamilton de Holanda e tinha uma relação pessoal de amizade com todos eles. Henrique foi criado desse pequenininho vendo o pessoal tocando”, relembra Reco. Um dia, Reco chegou em casa e Henrique interpretava um choro no bandolim. Era *Noites Cariocas*, a canção que deu início a tudo.

Esforço

Henrique estava conectado com o choro desde sempre e acompanhou todas as etapas do

Clube. “Eu lembro da gente vindo aqui aos domingos para limpar o Clube do Choro. Confesso que não gostava na época, eu queria estar jogando bola com meus amigos. Mas tinha que vir, porque os instrumentistas tinham essa missão. Mas depois criei uma relação de muito amor com o choro, por ter participado de todo esse esforço”, afirma.

Reforçando que Brasília é capital do choro, Henrique se conectou com a cidade por meio da música. “Vendo a paixão das pessoas daqui, toda a transformação no cenário cultural que o Clube do Choro promoveu e a escola também. Comecei a tocar aqui e conheci muito da cidade, depois que eu me tornei músico”, destaca. “Esse trabalho levou a me apaixonar mais por Brasília também. Percebendo a minha forma de compor e de me relacionar com a música, Brasília se reflete dentro desses espaços abertos, essa cidade



Quando comecei a tocar o choro era música de pessoas mais velhas, mas hoje você vê muitos jovens tocando”

Henrique Neto, diretor da Escola Brasileira de Choro

modernista. O traço do Niemeyer reflete também na nossa forma de fazer música”, afirma Henrique.

Como diretor da Escola Brasileira de Choro, Henrique Neto é diretamente responsável pela nova geração de brasilienses na música. “Eu era a nova geração,

quando tinha 13 anos, passei por esse período dos novos talentos, dos jovens redescobindo o choro. Uma música centenária sendo redescoberta por adolescentes. E, hoje, estou na função de apresentar o choro para os jovens”, reflete. “Quando comecei a tocar o choro era música de pessoas mais velhas, mas hoje você vê muitos jovens tocando, se interessando por choro, misturando o choro com outros gêneros contemporâneos”, conta.

Reco do Bandolim também destaca que o choro tem ganhado seu espaço cada dia mais. “Fico impressionado em como uma cidade futurista, veio se apaixonar por esse gênero centenário. Isso diz respeito ao que está no sangue. É uma coisa muito boa de se ver nos finais de semana, tudo quanto é lugar tem gente tocando bandolim, a juventude mesmo está tocando samba e choro. Isso é um ganho fantástico”, destaca.

Meu encontro com Brasília

» DANI NERI

Berço, luta e movimento

Brasília é o meu berço, meu colo e meu útero. Nasci em 1983, filha de Cacá e Tadeu — ela mineira, ele goiano, ambos jovens com a mesma idade da cidade, recém-saídos de uma ditadura militar. Sou a primeira geração da minha família a brotar neste chão; um fruto do Cerrado que aprendeu a ler o mundo mergulhada nos espaços culturais desta capital.

Meus pais se conheceram em grupos movidos pela Teologia da Libertação, tendo a arte como ferramenta de transformação. Sou filha do OPA — Oração pela Arte, onde fui batizada e aprendi cedo a falar com Deus cantando, dançando e celebrando a vida. Fui crescendo assim, embalada pelo pandeiro da minha mãe, os violões do meu pai e do meu avô Neri, e minha avó Lulu me

botando para recitar poesias nos saraus da família. Cacá foi a primeira aluna mulher de pandeiro no Clube do Choro e, anos depois, uma das fundadoras do “Toque de Salto”, primeiro grupo de samba feminino do DF, onde também me criei e ganhei madrinhas que me abençoam por toda a vida.

Fui criança na Escola Parque, onde toquei as primeiras notas na flauta doce. A Escola de Música virou minha segunda casa. Ali, fiz parte do ArsFemina, um coral icônico só de mulheres que cantava em chinês, japonês, javanês, tcheco, russo... Foi com elas que comecei a me aventurar nas produções e viagens para festivais. Ali também me tornei flautista e toquei meu primeiro choro amparada pelo mestre Carlinhos 7 Cordas. Teve Curso de Verão, “24 Horas de Música”, big bands, óperas, orquestras, corais, bandas e concertos — tudo ali: acessível, integrado, de graça.

Eu fazia meus deveres de casa na Biblioteca Demonstrativa, fiz muitos cursos no Espaço Cultural da 508 Sul e vivi

Arquivo pessoal



intensamente o Clube do Choro como aluna e ouvinte. Aos 14 anos, entrei na Oficina dos Menestréis e, aos 15, estreei com eles no Teatro Nacional, na Sala Martins Pena lotada, os musicais do Oswaldo Montenegro sob direção do “Detão”. Dali, o teatro nunca mais saiu de mim e ganhei uma irmandade que está comigo até hoje.

A Agrupação Teatral Amacaca (ATA) é com quem caminho há mais de 10 anos.

da de pífanos de Brasília, a Ventoinha de Canudo. No nosso 23º carnaval, tivemos a alegria de sermos premiados como o “Melhor Momento do Carnaval” pelo CB Folia 2026. Foi nesse pulsar que, na folia de 2014, comecei a namorar o Tupã; são 13 carnavais nesta parceria atuando juntos na cena cultural da cidade.

Minha história se escreve em rede e as parcerias se fortalecem. Sou feita dos espaços que resistem: da Vila Cobra Coral

Nos unimos em volta do mestre Hugo Rodas, com quem trabalhamos até os últimos dias de sua vida, e agora seguimos reexistindo, nos reinventando neste grande desafio de ser uma companhia de teatro de grupo no DF. Em 2004, ajudei a fundar a primeira ban-

à Ocupação Mercado Sul Vive, do Teatro Dulcina, do Santuário dos Pajés, do Espaço Inventado, do Pé Direito, da Amanhã, do Terreiro do Seu Estrelo e da Casa da Martinha do Coco. Há mais de 20 anos, me joguei na produção e na arte-educação por missão e sobrevivência, levando oficinas a diversas regiões administrativas. Sou com muito orgulho, militante cultural desta cidade. Luto pelos direitos de uma classe que mesmo tendo tantos berços culturais, ainda sobrevive à invisibilidade das políticas do GDF.

Somos operários da utopia. Brasília faz 66 anos e eu sigo aqui, com meus 42, parindo a continuidade.

Entrego ao futuro meus filhos, Cauã e Ravi. Que eles aprendam que a criatividade é nossa maior resistência e que o sonho é o combustível para a luta. Brasília só é plena quando seu horizonte pertence a quem ousa inventar uma cidade melhor.

Dani Neri é atriz e musicista

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Fundado em 2017, o Bloco Eduardo e Mônica surgiu para levar adiante a identidade da música brasiliense com pegada roqueira e cheia de reggae. Deu certo. Hoje o grupo é referência nacional

O negócio é carnavalizar o rock

» MARIANA REGINATO

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Pioneiros em trazer o rock para o carnaval, o Bloco Eduardo e Mônica nasceu para celebrar a identidade musical brasiliense para as ruas da cidade. Fundado por Marquinho Vital, Rony Meolly e Diogo Villar, músicos dos grupos Capitão do Cerrado, Meolly Folk e O bando, em 2017, o bloco surge para criar uma nova experiência para os brasilienses com clássicos do rock e do reggae. Atualmente, o Bloco Eduardo e Mônica ultrapassou as barreiras do Quadradinho e se apresenta em diversos lugares do país.

Para os fundadores, a história de cada um com a cidade se confunde com sua história na música. “Eu nasci em Brasília e a primeira banda que eu tive, Capitão do Cerrado, fazia referência a nossa região com músicas que contavam a história de Brasília e de quem é brasiliense”, conta Marquinho. “O intuito do bloco desde o início foi prestigiar as músicas das bandas de Brasília. A gente sempre quis trazer isso para um público que talvez não acompanhasse tanto o rock, um público de carnaval e um público de novas gerações”, destaca.

Ideias em projetos

Meolly e Diogo explicam que o bloco nasceu misturando rock nacional, festa e brasilidade em um formato popular e afetivo. “Foi em Brasília que encontrei palco,



Meolly (D) e Marquinho Vital: a energia e a música da cidade levaram o bloco Eduardo e Mônica a outros estados

público e parceiros para transformar ideias em projetos. O que mais marcou foi ver o bloco crescer de forma orgânica, ganhando as ruas e o coração das pessoas”, comenta Meolly. “Depois de um tempo, o Eduardo & Mônica deixou de ser um show e virou um movimento, ganhando as ruas no carnaval e se

consolidando como uma marca cultural de Brasília”, reflete Diogo.

Para Marquinho, Brasília tem importância máxima em sua vida. “Meu pai é de Santa Catarina e minha mãe do Nordeste. Se encontraram aqui em Brasília também, se conheceram aqui e se casaram por aqui também. Os dois servidores,

vieram de fora para morar aqui. É aquela velha história. As pessoas se encontravam aqui e tinham filhos e nascia uma nova história, uma mistura de famílias de regiões diferentes.

Os ideais de Juscelino Kubitschek de tirar um grande sonho do papel e transformá-lo na capital do país é algo que inspirou o Bloco

Eduardo e Mônica. “A ousadia de erguer uma cidade do zero é inspiração direta: me lembra que ideias grandes exigem coragem, visão e persistência”, comenta Meolly. O bloco que nasceu com a visão dos três fundadores já se estende à nova geração de brasilienses. “O projeto cresceu e hoje conta com uma

rede de músicos, produtores e criativos que renovam o espírito do bloco a cada edição”, conta Diogo.

Inspiração

A paisagem bela da capital também serviu de inspiração para Marquinho. “Brasília sempre foi uma inspiração, não só a natureza, mas com certeza a arquitetura, as ruas largas e todo esse visual. A gente está dentro de uma cidade, mas convive muito próximo à natureza, muitas árvores, e o lago fez toda a diferença”, complementa. Sobre o futuro da cidade, Marquinho acredita que Brasília está cada vez maior em todos os sentidos.

“Não só como uma região maior em extensão e em população, mas uma cidade que culturalmente vai crescer muito”, comenta Marquinho. Sua esperança é que ainda exista muito trabalho por parte do bloco para incluir novas músicas autorais. “Assim como foi agora há pouco tempo atrás, com o pagode de Brasília. Que a gente consiga trazer novos artistas, não só na música, mas nas artes nas artes em geral”, deseja.

Para o futuro, Meolly e Diogo desejam que o bloco siga criando e crescendo, levando o nome da cidade adiante e ampliando o alcance dos projetos. Os dois ainda deixam um conselho a novas gerações de brasilienses. “As próximas gerações: valorizem a cultura local, arrisquem, colaborem e construam algo que tenha identidade”, finalizam os fundadores do Bloco Eduardo e Mônica.



Traços que contam histórias. Cores que respiram Brasília. Na arte de Toninho Euzébio, o Venâncio se revela — vivo, pulsante, parte da cidade e de coração aberto para o futuro

Ao longo de quase cinco décadas, o Venâncio não apenas acompanhou a construção de Brasília, mas fez parte dela. Crescemos junto com a cidade, com os sonhos que aqui se plantaram e com cada nova geração que chegou para transformar o nosso amanhã.

No aniversário de 49 anos, celebramos o que temos de mais precioso: o agora.

De presente, recebemos cada encontro, cada passo que enche nossos corredores de histórias vivas e de possibilidades. O agora é onde cada projeto acontece, onde novos negócios se consolidam e onde a vida pulsa. É nesse instante que nossos espaços se renovam e ganham propósito, refletindo o espírito dinâmico de Brasília, uma cidade sempre em movimento.

Hoje, honramos cada caminho que construímos e olhamos para o futuro com a certeza de que ele é feito no presente.

Em cada detalhe, o Venâncio é palco para os encontros que moldam nossa cidade e nossa história.

De presente, oferecemos a experiência do agora, o espaço para criar e conviver, a oportunidade de viver intensamente o momento em que estamos.

Nos próximos anos, seguiremos lado a lado com Brasília e com cada um de vocês, abrindo espaço para novas ideias, inovações e experiências. Cada visita ao Venâncio é uma parte viva dessa jornada que construímos juntos, de coração aberto para o futuro.

Porque é aqui, no agora, que fazemos história.

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Movimento iniciado em 2017, No Setor busca transformar o Setor Comercial Sul em um área pulsante e criativa, em que pessoas de todo o Distrito Federal possam usufruir com segurança e tranquilidade

Centro da cidade cheio de vida

» ISABELA BERROGAIN

Fotos: Ed Alves/CB/DA Press

O anseio de transformar um espaço visto como abandonado pela sociedade foi o ponto de partida do No Setor, movimento que surgiu em 2017. Com a intenção de entender e pensar a cidade, além de integrá-la com as pessoas que nela vivem, o instituto tem como objetivo ocupar o espaço urbano por meio de projetos de característica social, socioambiental e cultural, fazendo com que o centro de Brasília se torne cada vez mais democrático.

Rafael Reis, diretor-presidente do instituto, pondera que fazer a ocupação do Setor Comercial Sul é uma forma de ressignificar o olhar da cidade para o centro. “Precisamos mostrar que a área central de Brasília pode ser pulsante, vibrante e um espaço de encontro e celebração da cultura brasiliense, não um local de medo”, declara um dos líderes do movimento.

“O centro de Brasília é uma área segura, de muita criatividade e potencialidade”, continua Rafael. “Se a gente traz todo mundo e movimentamos esse ecossistema, temos condições de competir com grandes centros do país. Hoje, Brasília é o terceiro maior adensamento urbano do país, ficando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro”, ressalta o diretor.

Ocupação

“Numa cidade que tem envelhecido e que temos cada vez mais



O No Setor propõe ocupar o Setor Comercial Sul por meio de projetos sociais e culturais

problemas para ocupação nas entre-quadradas, por que o centro de Brasília não pode se tornar uma Lapa do Rio de Janeiro ou a Baixa Augusta de São Paulo?”, indaga.

Nas redondezas da Rodoviária e de estações de metrô, trata-se de um centro que, inclusive, não é composto exclusivamente por moradores do Plano Piloto, pontua Rafael. “Eu brinco que a área central de Brasília é mantida por pessoas de todo o Distrito Federal. É gente de Planaltina, Recanto das Emas, Brazlândia, Guarã que passa diariamente aqui, consome do comércio,

vai aos bares e restaurantes e ajuda a manter viva a cultura e manter vivo o Setor Comercial”, aponta.

Em meio aos projetos do instituto, ele destaca o SCS Tour, que apresenta a região para o público que ainda não a conhece. “É muito interessante ver o olhar de surpresa quando descobrem que essa área abriga um dos maiores painéis de Atheros Bulcão ou um prédio do Oscar Niemeyer. São vários elementos dessa Brasília que são conhecidos no mundo todo e que as pessoas não sabem que existem aqui também”, enfatiza Rafael.

“A Brasília construída a partir do que o Lucio Costa e o Oscar Niemeyer apresentaram, o mundo todo conhece. Mas a capital real, de carne e osso, é muito complexa”, avalia. “Ela parece, à primeira vista, uma cidade fria, fantasma, mas é apaixonante, feita de gente de todos os cantos do Brasil”, descreve.

Muito trabalho

Apesar de hoje ser ocupado por escritórios de arquitetura, galerias de arte e casas noturnas, o Setor

Comercial Sul ainda precisa de muito trabalho. “Quando a gente passava por aqui, via todas as lojas fechadas, com uma taxa de desocupação gigantesca. E ela ainda é enorme. Por isso, precisamos fazer a cidade acreditar no Setor Comercial — temos um monte de espaços a serem ocupados”, incentiva o diretor.

Rumo aos 10 anos de movimento, o desejo do No Setor é que, na próxima década, a capital se torne um lugar verdadeiramente democrático, segundo Rafael. “Hoje, Brasília é uma das cidades mais desiguais do

mundo, e essa desigualdade reflete em tudo. No acesso à educação superior, no mercado de trabalho, no acesso aos equipamentos culturais, nos produtos culturais...”, lista.

“Então, o que o No Setor quer é que, daqui 10 anos, a nossa luta por uma cidade realmente democrática tenha sido alcançada. Que a capital seja um lugar onde as pessoas possam ter acesso à sala de cinema, ao teatro, a shows, à moradia e à alimentação de qualidade. E que isso não seja desfrutado só por uma camada da sociedade”, almeja Rafael.



O centro de Brasília é um espaço seguro, de muita criatividade e potencialidade”

Rafael Reis, diretor do coletivo No Setor

Um sonho feito de páginas

O soteropolitano Luiz Amorim chegou a Brasília em 1973, quando a cidade tinha apenas 13 anos e ele, 7. Em busca de uma vida melhor, a mãe, recém-separada, chegou à então intitulada Capital da Esperança para trabalhar como diarista, enquanto os seis filhos faziam bicos como engraxates e capinadores para ajudar em casa. Fruto de família humilde, Luiz viu a vida começar a mudar de rumo aos 12 anos, quando começou a trabalhar como açougueiro na Asa Norte.

Morador do Gama, o então adolescente sonhava em viver no Plano Piloto, região onde a mãe trabalhava. “Um dia, um amigo me falou que estavam precisando de um açougueiro na 312 Norte. Eu vim e estou aqui até hoje”, conta Luiz. À época, morando nos fundos da loja, ele utilizava do tempo livre para ler. Alfabetizou-se aos 16 anos e, aos 18, leu o primeiro livro, um gibi de filosofia.

“Como nossos clientes eram politizados e tinham um nível cultural muito bom, comecei a conversar com eles sobre o que lia. Eles adoravam, achavam interessante um

açougueiro que discute literatura, política e filosofia”, relata. Teve ano, ele conta, que chegou a ler de 10 a 15 livros por mês, em meio a obras de Sócrates, Nietzsche e Platão. “O que me davam na mão eu lia. Tinha fome pelos livros”, define.

Aos 29, Luiz teve a oportunidade de comprar o estabelecimento em que trabalhava desde a adolescência. Rebatizou o espaço de Açougue do T-Bone e, quase que imediatamente, passou a oferecer aos clientes mais do que os cortes de carnes: ele disponibilizou, de forma gratuita, livros à comunidade. “A gente começou colocando livros aqui no açougue, timidamente. Aí o público foi doando também e, quando nos demos conta, chegavam clientes com caixas cheias para doação”, lembra o açougueiro.

A partir da iniciativa, Luiz se tornou responsável por um projeto ainda maior — em 2007, liderou o desafio de levar a literatura para os pontos de ônibus. “Fizemos um acervo bem interessante e montamos uma estante na parada da 712 Norte”, relata o açougueiro. “A ideia

inicial era manter apenas uma dessas bibliotecas. Porém, houve uma mobilização muito grande, abrimos na parada em frente e assim foi...”, rememora.

No auge, foram cerca de 35 pontos de ônibus com as estantes, com uma circulação de 300 mil livros por ano. “Recebemos até uma menção na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como maior projeto de incentivo à leitura do mundo”, destaca Luiz. Até hoje, as paradas da W3 Norte recebem as estantes: “O movimento agora anda sozinho. O pessoal abraçou bastante essa ideia e eles próprios levam novos livros”.

Segundo o idealizador do projeto, foram inúmeros depoimentos de leitores que mudaram de vida com auxílio das estantes. “Encontrei muitos servidores públicos que disseram ter sido aprovados em concursos por conta dos materiais disponibilizados. Conheci até mesmo uma mulher que afirmou que os livros a ajudaram durante um momento de depressão profunda”, narra.

Noites culturais

A imersão na literatura veio a calhar com o Açougue Cultural, que surgiu em 1997. “Além da convivência que eu tinha com artistas da área da poesia, música e literatura, a 312 Norte sempre teve um ambiente muito fértil para o surgimento de projetos como esse”, avalia o soteropolitano. Realizado no próprio estabelecimento, o projeto buscava promover todo o tipo de atividade artística da cidade.

A estreia se deu com o lançamento do livro *Conversa de butiquim*, do autor e jornalista Fafão de Azevedo. “Foi engraçado, porque a primeira pessoa a chegar nesse dia foi o cineasta Vladimir Carvalho. Eu ainda estava lavando o açougue”, ri. “Foi um evento pequeno, com umas 20 ou 30 pessoas. Mas foi interessante, porque conseguimos chamar atenção para os próximos”, ressalta.

No terceiro encontro, ele promoveu uma reunião entre os irmãos Clodo, Clímério e Clésio Ferreira, com o lançamento do disco *Tiro certo*. “Eles já tinham encerrado a carreira como trio e conseguimos

Carlos Vieira CB/DA Press



Luiz Amorim é o nome por trás de iniciativas como o Açougue Cultural

reuni-los. Na ocasião, Clodo me disse: ‘Todo mundo vai querer participar desses encontros’. Dito e feito. Ele fez a profecia”, brinca o açougueiro.

Jorge Benjor, Zé Ramalho, Tom Zé e Elba Ramalho são alguns dos nomes que se apresentaram nos eventos. “O Fagner, por exemplo, comemorou os 40 anos dele aqui. Ele mesmo que me ligou, pedindo para participar. Eu pensei que era trote”, admite. Paralelamente, continuavam os encontros literários, binais da poesia e teatros de bolso promovidos pelo açougue.

Com a pandemia da covid-19, no entanto, os eventos foram suspensos e, desde então, não retornaram. “Eu vejo que ficou um vazio na cidade. As pessoas ainda nos procuram para saber se vamos voltar”, revela Luiz. “Existem nomes que gostariam de ter participado e a gente pensa em fazer um evento para celebrar tudo isso que aconteceu”, adianta o açougueiro. Por ora, fica o orgulho de tudo que aconteceu: “Fizemos nosso trabalho, que resultou em um registro muito bom para a cidade”. (IB)

Meu encontro com Brasília

» SEVERINO FRANCISCO

Símbolo da utopia

A minha história com Brasília começa com meu pai, Severino Francisco, pernambucano de Gravatá, que, na década de 1950, chegou ao Planalto Central graças ao dinheiro que ganhava com almanaques em versos, que escrevia e vendia. Ao assistir a um vídeo caseiro, gravado por meu irmão, fiz uma descoberta surpreendente. Talvez o meu tenha sido um dos primeiros cronistas de Brasília.

E digo isso porque, antes da inauguração do *Correio Braziliense*, em 21 de abril de 1960, meu pai, Severino Francisco, pernambucano já fazia crônicas rimadas. Poeta popular com formação autodidata e

imaginação delirante, conseguiu se formar em teologia.

Meu pai viu Brasília nascer e registrou a aventura nos versos, em um tom também épico: “Eis a nova capital/riscada sob medida/veremos a sua plenitude/depois dela ser construída/lago por todos os lados/beleza e vastidão/espaço e arejamento/tem léguas de pavimento/ainda cheirando a sertão”.

Certo dia, meu pai se encontrou com Juscelino Kubistchek em Taguatinga e fez a seguinte saudação de improviso: “Quero lhe cumprimentar/Brasília é um monumento/Trabalho de nossa gente/Bravura de bandeirante/cabeça de presidente/ agora posso afirmar/que vi a redenção/meus filhos tomaram posse/da terra da promessa/foi a mão da providência/que regeu vossa excelência/para governar nossa nação”.

Nos primeiros tempos, morávamos em Taguatinga e meu pai me levou para ver o

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



Plano Piloto. Eu gostava muito de ler histórias em quadrinhos e, com a silhueta espectral e futurista, Brasília evocava imediatamente os cenários das cidades intergalácticas de Flash Gordon. A cidade espacial era fascinante e, ao mesmo tempo, provocava angústia. Brasília era Flash Gordon envolvido nas

sila do Amaral, Glauber Rocha e Nelson Rodrigues. O contato com essa constelação modernista foi uma revelação.

Sim, nós éramos um país pobre, subdesenvolvido, defasado da ordem mundial. Mas isso não significava que estávamos condenados a rastejar para as outras nações

nuvens de poeira vermelha.

Na adolescência, conheci Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Tar-

nuvens de poeira vermelha. Nós poderíamos fazer grande arte com “a contribuição milionária de todos os erros”, como dizia Oswald. A cultura afirmava a nossa singularidade de mestiços, periféricos, cangaceiros, tortos, gaúchos. Sem negar a nossa história, poderíamos transcender, inventar uma outra beleza, uma outra elegância, um outro destino.

Brasília era o modernismo transformado em cidade. É como se o espírito modernista se materializasse em uma cidade-escola, cidade-tótem, cidade-utopia. Ao longo do tempo, Brasília se tornou uma cidade distópica, cenário para um faroeste caboclo. Mas esse me parece ser um estado circunstancial de exceção. O símbolo da cidade-monumento permanece vivo para nos lembrar que a verdadeira vocação de Brasília é a utopia.

Severino Francisco é jornalista

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Como João Sena e Gianetti Bonfim ajudaram a moldar a identidade esportiva da capital e pavimentaram o caminho para o surgimento do ícone olímpico Caio Bonfim, campeão mundial em Tóquio, em 2025, e bronze na meia-maratona em Brasília

Onde o Brasil aprendeu a marchar

» VICTOR PARRINI

Quase 60 dos 70 anos de vida de João Evangelista de Sena Bonfim foram vividos no Distrito Federal. Tempo suficiente para atravessar gerações e ajudar a moldar uma identidade esportiva da capital. Piauiense de Teresina, chegou a Brasília em 2 de março de 1967, encontrou uma cidade em formação e fez das pistas o canteiro pessoal de obras. Professor, treinador e pioneiro do atletismo, criou, em 1990, o Centro de Atletismo de Sobradinho (Caso), projeto que não apenas revelou atletas, mas colocou a cidade no mapa da modalidade.

Integrante do primeiro Centro de Iniciação Desportiva (Cid) do DF, ajudou a lançar atletas como Carmem de Oliveira, uma das maiores corredoras de fundo do Brasil e primeira brasileira campeã da Corrida de São Silvestre, mas identificou cedo a falta de continuidade para quem chegava à fase adulta. Em resposta, fundou o Caso e, hoje, orgulha-se das mais de 700 medalhas nacionais e internacionais conquistadas pelo projeto.

Brasília não foi apenas cenário na trajetória de Sena: tornou-se propósito. Aqui, construiu a base pessoal e profissional, conciliando, por 35 anos, o trabalho no Banco Central e na Secretaria de Educação com a formação de atletas. “O meu projeto sempre foi servir bem. O Banco Central financiou a minha paixão pelo atletismo, e a Secretaria

de Educação me deu a oportunidade de encontrar jovens talentosos”, conta. Mais do que formar atletas, o objetivo sempre foi maior: dar oportunidade para os competidores se tornarem cidadãos e campeões.

A relação com a cidade também se consolidou fora das pistas. “As oportunidades de Brasília foram fundamentais. Até os adversários do atletismo são amigos. Brasília é um lugar de paz”, descreve Sena.

Se ele ajudava a estruturar o caminho fora de casa, dentro dela, a marcha atlética também ganhava forma. Esposa de Sena, Gianetti Bonfim, pioneira da modalidade no país e octacampeã brasileira, conheceu a prova quase por acaso, em um cenário ainda sem estrutura ou visibilidade. “Quando comecei, não havia nada. Eu vinha da corrida e acabei na marcha porque era a prova que restava. Ninguém falava sobre isso”, lembra ela, nascida em 1965 e orgulhosamente parte da primeira geração de brasilienses natos.

Rotina

O que começou como improvisado se transformou em base. Entre treinos, maternidade e rotina esportiva, a modalidade passou a fazer parte do cotidiano da família. “Nunca imaginamos que o Brasil se tornaria um polo. Fomos vivendo um dia de cada vez, construindo aos poucos.”

Em três décadas e meia, Sena e Gianetti ajudaram a transformar a marcha atlética em uma das identidades esportivas do Distrito

Breno Fortes/CB/D.A Press



Em 2008, antes de Caio Bonfim se tornar referência, João Sena e Gianetti se dedicavam ao esporte

Federal, criando uma base que atravessa gerações e mantém a modalidade viva na cidade. Foi nesse ambiente que cresceu Caio Bonfim. Na infância, acompanhava o pai na rotina de treinos e vivia o atletismo antes mesmo de entender o que aquilo representava.

“Meu pai sempre foi apaixonado por atletismo. Eu cresci vendo-o encher o carro de meninos pra treinar”, lembra. A convivência

diária transformou a pista em extensão de casa, e o esporte, em linguagem comum entre pai e filho. “Brinco que a pista do Augustinho Lima é minha segunda casa. Para o meu pai, é a primeira. Foi ali, visitando-o, que eu me apaixonei pelo atletismo.”

Com o tempo, a relação de Sena e Gianetti com Caio precisou ser testada no ambiente de alto rendimento. A proximidade entre pai e

treinador, antes natural, passou a ser questionada. A sugestão veio de fora: separar as funções poderia ser o caminho mais seguro para a evolução do atleta. Caio decidiu seguir com quem sempre esteve ao lado.

A escolha de manter a estrutura familiar no ambiente profissional não foi apenas afetiva. Foi também a continuidade de um método construído ao longo de décadas. “O atletismo precisa de resultado.

Eu faço trabalho social, mas exijo compromisso com o alto rendimento. “Aqui, tudo é eficiência, dedicação e disciplina”, afirma Sena.

A confiança no processo trouxe as medalhas. “Quando começaram a sair os resultados, as pessoas passaram a acreditar mais. Foi ali que o trabalho ganhou força”, destaca o treinador.

Do outro lado, a relação se consolidava não apenas na rotina de treinos, mas na forma como pais e filho atravessaram juntos cada etapa da carreira. “Choramos muito juntos nas derrotas e nos abraçamos muito nas vitórias”, resume Caio.

Hoje, Sena e Gianetti se orgulham de terem participado da construção de uma trajetória vitoriosa e de ver o legado iniciado em 1990 seguir em movimento. Em 12 de abril, Caio Bonfim completou o álbum de medalhas com o bronze na meia-maratona do Mundial de Marcha Atlética por equipes. O marchador de Sobradinho, prata nos 20km nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, soma, ainda, quatro pódios em Mundiais de Atletismo e títulos no circuito internacional.

Para Sena, a marcha atlética deixou de ser apenas a modalidade que revelou Caio Bonfim e passou a ocupar um espaço próprio na identidade esportiva da cidade. “Hoje, a marcha atlética deixou de ser apenas o esporte do Caio. Virou uma identidade de Brasília. Quando se fala em atletismo na cidade, fala-se em marcha. Somos conhecidos no Brasil como a capital da marcha.”

Especial Interativo

W3

A AVENIDA DE BRASÍLIA

Explore a W3, uma das avenidas mais emblemáticas de Brasília, em um especial interativo com curiosidades, fatos históricos, vídeos e relatos de quem vive esse comércio a céu aberto.

Aponte a
câmera
e explore



CORREIO BRAZILIENSE
www.correiobrasiliense.com.br

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



A mais tradicional avenida comercial da cidade carrega consigo uma parte da história de Brasília. Veja curiosidades da concepção da avenida, de Norte a Sul, e conheça o especial digital do **Correio**

Arquivo Público do DF



Movimentação na W3 Sul, em 1975: primeira a ser construída

Arquivo/CB/D.A Press



Vista aérea da W3 Sul, em 1970, com o Setor Hoteleiro ao fundo

Arquivo/CB/D.A Press



Pelé acena para a multidão durante desfile dos campeões pela W3

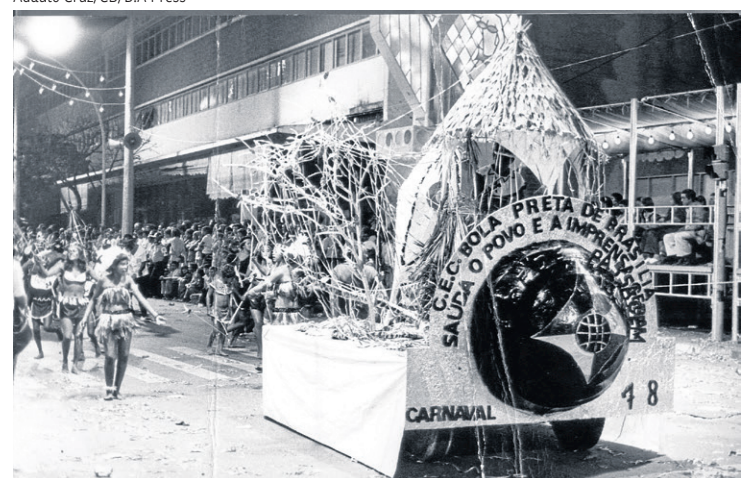
F. Gualberto/CB/D.A Press



Comércio informal marcou primeiros anos da avenida

W3: a avenida de Brasília

Adauto Cruz/CB/D.A Press



Em 1978, desfile toma conta da pista: foram muitos carnavais

» GABRIELLA BRAZ
» JUNIO SILVA

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ainda hoje a avenida é símbolo de resistência e de reinvenção: arte, cultura, comércio, educação e religião reunidos em um só lugar

Quem conhece Brasília sabe que as vias W3 Sul e Norte representam a vitrine do comércio no Plano Piloto. No projeto original de Lucio Costa, as vias, que viveram uma “era de ouro” nos primeiros anos da capital, já estavam lá, mas com uma cara bem diferente da atual.

Considerada uma “rua de serviço”, a W3 Sul, construída antes da metade Norte, foi pensada para transportes de cargas e armazéns. A professora Maria Fernanda Derntl, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB), explica que a ideia inicial era fazer da W3 uma espécie de limite da cidade.

“Seria uma via destinada ao tráfego de caminhões. Onde hoje estão as 500, haveria garagens, oficinas, depósitos do comércio”, explica. A parte mais curiosa da avenida, trecho do Plano Piloto que mais mudou durante a construção, fica onde estão as 700 Sul. “No lado em que depois se construiu as 700, Lucio Costa falava em construir floriculturas, hortas e pomares.”

A ideia, no entanto, não chegou a se concretizar. A necessidade de novas moradias para funcionários públicos que chegavam à cidade exigia mudanças no planejamento. Imagens obtidas pelo **Correio** no Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) mostram a construção das moradias populares.

O presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal (CAU/DF), Ricardo Meira, afirma que a decisão veio antes mesmo da inauguração. “Em 1957, a Novacap procurou institutos de pensão para oferecer os terrenos das quadras 700 da Asa Sul para a construção de casas populares”, diz. “Elas seriam oferecidas para funcionários públicos do segundo escalão.”

Inicialmente, 500 casas foram construídas na área pela Fundação da Casa Popular e, a partir disso, a configuração da via começou a mudar. Em 1959, um censo realizado na nova capital já contava com a presença de moradores na W3 Sul.

Brasília revisitada

“O Plano Piloto (no desenho original) seria muito mais longitudinal do que ele é hoje”, explica a professora da FAU. “Ele seria mais linear, magrinho. É um croqui de ideias que foi sendo adaptado e desenvolvido já no início das construções.”

As habitações na W3 Sul foram construídas obedecendo à ideia de separar as áreas de pedestres e de veículos. Assim, as garagens ficam

voltadas para a via principal, e o acesso dos pedestres se volta para ruas internas, na parte de trás.

Enquanto isso, o outro lado da via, nas quadras 500, assume caráter de uso misto, para comércios e residências. As marquises e calçadas largas, que dão a cara da W3 Sul, já surgem nesses primeiros anos.

Na Asa Norte, os prédios da W3 só começaram a surgir a partir de 1963, mas também com características diferentes. “Nas quadras 500 da Asa Norte, temos, sobretudo, o uso institucional, com edifícios que não são contínuos”, observa Derntl. “As comerciais das 700 são

recuadas no terreno, com sobrelojas ocupadas para fins diversos.”

Com a necessidade de moradias e outras zonas de serviço, a W3 deixou de ser a via limítrofe do Plano e foi ganhando mais vizinhos. A dinâmica mutável não assustou Lucio Costa. Para o urbanista, seu planejamento era mais um “esboço” do que viria a ser a ocupação daquele espaço.

“Ele disse o seguinte, em outras palavras: ‘Eu estou fazendo aqui um esboço, um plano geral, não me chame para detalhar, eu não quero fazer o projeto, é só uma ideia aqui para que vocês depois desenvolvam, porque a cidade é dinâmica,

ela tem de ter uma possibilidade de se transformar dentro de um princípio básico”, conta Ricardo Meira, do CAU/DF.

Décadas depois, em 1985, o urbanista foi convidado a avaliar o que aquele projeto havia se tornado, o que originou o documento *Brasília Revisitada*, disponível no acervo do profissional na Casa da Arquitetura, em Portugal.

“Nesse documento, ele sugere o surgimento de quadras residenciais que viriam a ser o Noroeste e o Sudoeste, que ele chamava de Asa Nova Sul e Asa Nova Norte”, conta Ricardo. “Demorou bastante, até por uma questão de estratégia de

crescimento da cidade, mas isso já era previsto nesse documento do Lucio Costa.”

Desencontros

Outros aspectos da via também não saíram como o planejado, ou melhor: tiveram de ser alterados antes mesmo da execução. A topografia da região é um dos fatores que faz a W3 abrigar uma série de curiosidades.

Essa história começa ainda no desenho do Plano Piloto. À época, Lucio Costa planejou a cidade mais a Oeste. Para ter uma noção de como seria Brasília no formato

Especial digital



O **Correio** preparou um especial digital que revisita a história das W3 Sul e Norte, desde a concepção por Lucio Costa até a construção, a ocupação e as tentativas de revitalização. Em uma série de entrevistas com comerciantes pioneiros e alguns que começaram a investir em negócios na avenida nos últimos anos, passando pela valorização dos imóveis na parte residencial, você poderá acompanhar um panorama completo da avenida. Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira esses conteúdos e muito mais: vídeos, fotos, artigos, depoimentos e mapa interativo!

original, Meira explica que a Rodoviária do Plano Piloto ficaria onde hoje está a Torre de TV.

Mas o Lago Paranoá interferiu na criação. Para evitar uma faixa de terra entre o lago e as construções, a cidade foi “deslocada”, o que interferiu na hora de colocar em prática o planejado.

Um dos resultados dessas “anomalias” é a quadra 708 Sul. “Durante a medição e demarcação topográfica da área, uma equipe demarcava as quadras 500 e outra se ocupava das 700”, conta. “Isso causou um desencontro e, por isso, a 708 Sul é menor. Se prestar atenção, da 702 à 707 é o mesmo desenho de quadra, e, na 708, foi feito outro formato”, completa. Além de menor, a 708 representa a única quadra sem estacionamentos em toda a W3 Sul, resultado dessa distorção.

As primeiras quadras do lado habitacional da W3 Sul também foram construídas em formatos diferentes. A 714, destinada a funcionários do Banco do Brasil, conta com lotes maiores e blocos no mesmo formato das superquadras.

Na Asa Norte, algumas dessas distorções buscaram ser corrigidas. Nessa parte do mapa, todas as quadras são do mesmo tamanho e os estacionamentos, que na Sul ocupam o meio da via, passam para a lateral do comércio. A dinâmica comercial também muda e, com ela, a forma de ocupar os espaços, o que torna as vias Norte e Sul, apesar de “irmãs”, dois cenários com vida e personalidade próprias.

Tradição de pai para filho

» Criada no ano de inauguração da cidade, em 1960, a Banca Fortaleza, da 511 Sul, é um dos estabelecimentos mais antigos da avenida. “Sempre tivemos esse modelo de sebo. Jornal, livros, revistas, discos e gibis”, elenca Carlos Araújo, que assumiu a banca após a morte do pai, Antônio Ferreira de Araújo, em 2013. A banca, que já foi personagem de outras reportagens do **Correio**, é decorada com pilhas e mais pilhas de revistas e livros antigos. Nas paredes e no teto, cartazes de filmes e capas de discos de vinil. O negócio, segundo Carlos, sempre foi a coluna de sustentação da família. “Aqui era um grande formigueiro, e os filhos ajudavam meu pai”, lembra, ao lado de um retrato de Juscelino Kubitschek. “Meu pai gostava dele.”



**Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense**



Meu encontro com Brasília Fotógrafos do **Correio Braziliense** selecionaram imagens que representam a cidade sob suas lentes



Ed Alves/CB/D.A Press



Minervino Junior/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Carlos Vieira/CB/D.A Press

BRASÍLIA

66 anos

Uma cidade em constante transformação

Brasília faz 66 anos e a sua história continua sendo construída todos os dias.

Entre traços que desenham o futuro e histórias que carregam memórias, a capital do Brasil é mais do que um marco arquitetônico: é encontro, diversidade e movimento.

Hoje celebramos não apenas uma cidade planejada, mas uma cidade viva por quem chegou, por quem ficou e por quem a escolhe todos os dias.

Parabéns, Brasília. Que venham novos caminhos, novas histórias e ainda mais motivos para se orgulhar.

SESI Serviço Social da Indústria

SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

ADEMI

M Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília

VENÂNCIO SHOPPING

ONE SCHOOL

Open to New Experiences

DIA A DIA ATACADISTA

Realização:
CORREIO BRAZILIENSE

Promoção:
CB Brands ESTÚDIO DE CONTEÚDO

DIA A DIA DD
ATACADISTA

PARABÉNS, BRASÍLIA!

66 ANOS PRESENTE EM NOSSO DIA A DIA.



Foto: Governo do Distrito Federal/Bento Vianna

Foto: Roberto Castro - MTLR

Foto: Governo do Distrito Federal/Bento Vianna